

Amor para recomeçar



ANA LUÍSA COUTINHO

AMOR PARA RECOMEÇAR

Ana Luísa Coutinho

AMOR PARA RECOMEÇAR

2024

Para todas as pessoas que (assim como eu) são apaixonadas pelo amor. Vocês têm um lugar especial no meu coração.

*Quando você ficar triste, que seja por um dia
E não o ano inteiro
E que você descubra que rir é bom
Mas que rir de tudo é desespero*

*Desejo que você tenha a quem amar
E quando estiver bem cansado
Ainda exista amor pra recomeçar
Pra recomeçar*

(Amor pra recomeçar – Frejat)

PREFÁCIO

Estimado Leitor,

Conheço a autora desde seu nascimento, e posso lhe garantir que já nasceu forte! Apesar dos seus poucos anos vividos, já adquiriu sensibilidade e maturidade espetaculares, que conseguiu transpor de forma impressionante para sua obra, aliás, a primeira de muitas, certamente.

Analú, como a chamo carinhosamente, conseguiu o feito de descrever perfeitamente todos os processos de uma perda, desde o seu acontecimento trágico até sua superação!

Amor Pra Recomeçar, tem como tema central a morte. Mas a autora foi além e explorou profundamente os sentimentos e emoções que envolvem este tema tão complexo e sempre evitado.

Então, caro leitor, convido você a se emocionar, assim como eu, com a franqueza e profundidade desta narrativa. Prepare-se para uma emocionante viagem!

Em Amor Pra Recomeçar, você vai se deparar com a dor da ausência e do abandono,

com a perda de quem se ama, com a morte, o luto, a solidão e todas as mudanças que advêm de uma perda assim. Mas não pense que é uma obra triste; longe disso! Você também vai se surpreender como a autora soube concatenar todos os sentimentos dolorosos com a evolução da personagem passando pela adaptação, transformação, superação e amadurecimento. Além disso, a obra ressalta a importância da amizade e do apoio familiar em meio a esse processo doloroso, da solidão para se reconectar e reconhecer seus próprios sentimentos. E, claro, o recomeço! Ou a continuidade, como disse a própria Analu em uma das falas da personagem que aqui transcrevo: *“A escrita é minha âncora. A vida continua lá fora!”* E o que precisamos é de *Amor Pra Recomeçar!*

Posso te assegurar que é uma leitura emocionante, fluida e prazerosa!

Wilne Maria da Costa Melo Sá Filha
Servidora Pública

CAPÍTULO 1.....	11
CAPÍTULO 2.....	16
CAPÍTULO 3.....	19
CAPÍTULO 4.....	22
CAPÍTULO 5.....	27
CAPÍTULO 6.....	32
CAPÍTULO 7.....	38
CAPÍTULO 8.....	46
CAPÍTULO 9.....	51
CAPÍTULO 10.....	55
CAPÍTULO 11.....	60
CAPÍTULO 12.....	66
CAPÍTULO 13.....	76
CAPÍTULO 14	81
CAPÍTULO 15.....	87
CAPÍTULO 16.....	95
CAPÍTULO 17.....	105
CAPÍTULO 18.....	112

CAPÍTULO 1

O dia que nunca vai sair da minha mente. O dia que a minha vida mudou totalmente. O dia que eu fiquei sem chão mesmo tendo onde pisar. O dia que eu não sabia como iria continuar. O dia que a minha vida perdeu o sentido. Como eu poderia viver sem a pessoa que sempre esteve ao meu lado?

Para explicar essa história, eu vou ter que fazer uma espécie de volta no tempo.

Meu dia começou aparentemente normal e, assim como 99% dos adolescentes, eu acordei com muita preguiça e implorei para a minha mãe me deixar faltar na escola.

— Por favor, mãe! Só hoje, eu estou com muito sono – Disse resmungando.

— Amélia, eu já disse que não. Você vai para a escola hoje e ponto. Ninguém mandou ficar acordada até 3 horas da manhã. – Ela ordenou e o que me restou foi obedecer.

No caminho até a escola, a gente ficou em silêncio, mas não um silêncio constrangedor, um silêncio “silencioso”. Porém, quando se trata da minha mãe, qualquer silêncio é

constrangedor, porque, acredite, dona Mariana não é nada silenciosa.

Minha mãe sempre foi uma mulher apaixonada pela vida, pela natureza, pelo amor, por literatura e, a cada instante do meu viver, eu a admirava mais. Desde criança, eu olhava para ela e pensava “Quando eu crescer, quero ser como a mamãe, gentil e feliz como ela”.

Por isso que, quando ela ficava em silêncio, já era de se estranhar, mas, como eu também não queria falar muito, só aproveitei a calmaria. Quando chegamos à escola, ela me disse:

— Meu amor, se cuida. A mamãe te ama mais que tudo nesse mundo, tá bom?

— Tchau, mãe! Também te amo!

Depois, eu entrei na escola, vi minhas amigas e meu dia estava sendo normal. A aula de matemática estava sendo chata como sempre, eu só queria dormir como sempre e minha sala estava extremamente barulhenta como sempre.

Como disse, meu dia estava sendo normal. Estava, até a psicóloga da escola me chamar para conversar e eu ficar sem entender

nada. Afinal, eu não havia feito nada de errado. Realmente, não tinha sido eu que havia feito algo de errado, mas fui eu quem pagou esse preço.

—O que aconteceu? Eu fiz algo de errado? — Perguntei na hora que cheguei na sala dela.

—Amélia, você não fez nada de errado. Porém, eu preciso que se acalme um pouco, pois iremos falar de um assunto delicado. — Naquele momento, eu fiquei sem entender nada. O que poderia ter acontecido?

—Bom, a sua tia Juliana ligou para a escola e nos informou que a sua mãe foi vítima de um acidente de carro e faleceu no local, o impacto foi muito forte. Eu sinto muitíssimo pela sua perda e sinto mais ainda por estar lhe dando essa notícia assim, mas como seu pai está fora do país, a irmã de sua mãe me pediu para lhe contar.

Eu não tive reação alguma. Eu nem consegui acreditar. Minha mãe não morreu. Por que isso tinha que acontecer justo agora que meu pai não está aqui? Por que isso tinha que acontecer justo comigo?

De repente, eu sinto as lágrimas descendo pelo meu rosto. Sem parar. Palavras de

consolo se dirigiam a mim, mas eu nem conseguia ouvir. Eu só conseguia chorar cada vez mais, só conseguia pensar em como eu iria viver agora. A pior parte de saber que a pessoa que você mais ama morreu, é não conseguir acreditar. Do dia para a noite, sem ao menos ter chances de me despedir, ela se foi. Eu nunca mais ia vê-la, nunca mais ia sentir o seu cheiro, eu nunca mais ia poder abraçá-la, eu nunca mais ia ouvir ela me aconselhando ou até mesmo me dando sermão.

A minha vida perdeu o total sentido naquele momento. A única pergunta que vinha na minha cabeça era: “Por quê? Por que isso tinha que acontecer? ” E o pior de tudo: eu nunca iria ter uma resposta.

Eu sempre fui uma pessoa que acredita que tudo acontece por um motivo, principalmente porque minha mãe me ensinou a pensar assim, mas a morte dela me fez repensar tudo da minha vida. Se fosse para aprender alguma lição, eu preferia ter continuado sem entender nada. Eu não tive chances de me despedir dela. Ela me deixou na escola e eu só disse um “Tchau, mãe! Te amo! ”, se soubesse que ela ia partir naquele dia, algumas horas depois, faria tanta coisa diferente.

Eu diria o tanto que eu a amo, diria o quão ela é especial na minha vida, que admiro ela com a minha alma e não existo sem ela. Agora, só me restavam lágrimas e arrependimento, a sensação que eu não aproveitei a presença dela como eu deveria. Nenhuma palavra serviria de consolo naquele momento.

CAPÍTULO 2

Sempre dizem que a primeira fase do luto é a negação e eu confirmo. Naquele dia, meus tios foram me buscar na escola e eu fiquei na casa deles enquanto meu pai não dava notícias. Assim que eu soube que minha mãe morreu, eu só conseguia chorar. Descontroladamente. Mas, algumas horas depois, essa ideia simplesmente não entrava na minha cabeça.

Eu pensava em um futuro sem ela e não conseguia imaginar. Meu Deus, como eu iria viver o resto da minha vida sem a pessoa mais importante dela? Além disso, não parecia que ela tinha morrido, na minha cabeça, ela ia chegar a qualquer momento em casa e ser a pessoa incrível que ela é.

Não sou uma criança que não sabe o que é a morte, mas pensar que minha mãe nunca mais ia falar comigo é, no mínimo, estranho. Eu nunca mais ia vê-la. Nunca mais. Pensar no futuro, definitivamente, não era uma boa ideia. As lágrimas voltaram e junto delas uma falta de ar terrível. Era como se tivessem rou-

bado todo o gás oxigênio do mundo. Meu coração acelerava e doía. Doía muito (*a pior dor que existe é a dor de coração*). Era como se alguém estivesse dando facadas nele. Meu pobre coração. E, diferente de quando eu chorei na escola, eu chorei *sozinha*, meu consolo era a *minha própria voz*, o *meu próprio abraço* e a *minha própria companhia*.

No entanto, essa sensação não durou para sempre e, quando finalmente consegui me acalmar, eu caí no sono. Até que me fez bem, dormir me conforta e me faz esquecer o peso dos meus problemas.

Mas, como nem tudo são flores, eu acordei com meus tios dizendo que havia uma ligação me esperando e eu sabia exatamente quem seria. Eu disse que não iria atender e a tia Ju (um anjo na minha vida, por sinal) inventou qualquer desculpa.

Não me leve a mal, mas a minha relação com meu pai é *complicada*. Meus pais se divorciaram quando eu tinha uns 7 anos e, desde então, eu evito qualquer situação que eu tenha a chance de vê-lo. Meu pai não é um monstro, longe disso, mas qualquer interação entre nós dois parece forçada. Minha mãe me incentivava a ter uma boa relação com ele e

visitá-lo, principalmente quando ele foi morar na França (há uns 3 anos).

—Minha filhinha, o Jean é seu pai acima de tudo. Ele te ama tanto, você deveria visitá-lo qualquer dia desses.

—Mãe, eu sei que ele me ama, mas depois a gente vê isso, tá?

E era sempre assim. Minha mãe, sendo o doce que sempre foi e eu fugindo do assunto '*Pai*' em todos os momentos possíveis. Mas agora, com a morte dela, era praticamente impossível escapar de conversas com ele. Só de pensar na possibilidade de morar com esse homem e com a minha madrasta, dava vontade de me enterrar dentro de um buraco.

Quando paro para pensar um pouco nisso, batidas na porta me interrompem e minha tia entra no quarto. Havia alguém me ligando (de novo). Pelo visto a noite ia ser longa, tendo em vista que eu já não iria conseguir me dar ao luxo de dormir de qualquer forma e ninguém parecia a fim me deixar em paz.

CAPÍTULO 3

No momento em que atendi a ligação, uma pontinha de felicidade brotou em meu coração: era a minha melhor amiga, Lia. Ela era a única pessoa no mundo que eu queria ver naquele momento, porque ela era minha irmã. Em todos os momentos que eu precisei da ajuda dela em toda a minha vida, ela se dispôs a ajudar, ela sempre esteve lá por mim. No celular, eu ouvi sua voz:

—Mel, amiga, eu te amo muito, tá? Não se esquece disso. O velório é amanhã?

—Oi, Lili. É sim. Você vai, não é?

—Com certeza, preciso ver você. Eu sinto tanto, de verdade. Quero que você descanse, ok? Saiba que eu te amo com a alma e tô aqui para o que precisar.

—Vou tentar. Obrigada, amiga, eu também te amo muito. Até mais.

E assim eu desliguei. Não sei exatamente o porquê, mas eu não consigo falar nem com a Lia. Parece que a minha boca não queria pronunciar frases concretas e meu corpo não queria sair da cama. No entanto, eu

tinha plena convicção de que uma hora isso iria acontecer.

Enquanto criava coragem para levantar, meu tio Daniel me chamou e disse que o velório e o enterro da minha mãe seriam no dia seguinte. Além disso, eu tinha uma semana para arrumar minhas malas e pegar um avião direto para Lyon, na França. De imediato, nem respondi, mas minha mente estava gritando. Aqui vai uma lista de motivações para eu NÃO mudar de país:

1. Faz anos que eu não falo com meu pai, com exceção das datas comemorativas. Morar com ele está fora de cogitação.
2. Eu sei falar TRÊS frases em francês: Bonjour (Bom dia), Je m'appelle Amélia (Eu me chamo Amélia) e Comment ça va? (Como vai você?).
3. Eu tenho uma vida no Brasil e minha mãe acabou de morrer. Tenha amigos aqui, família, uma escola e minha mãe não está mais comigo. Será que as pessoas não têm um pingão de empatia?
4. Eu não conheço NINGUÉM na França, nem meu próprio pai direito.

Enfim, não vai dar certo. Parece que eu não tenho muita escolha em relação a isso,

mas fiz uma nota mental de lembrar de conversar com meus tios sobre. Depois, fui tentar dormir com a esperança de que eu acordaria de um pesadelo em que perdi a minha mãe.

No entanto, estava impossível cair no sono. Minha mente estava uma bagunça e eu não parava de pensar na minha mãe. Tá doendo tanto. Eu consigo escutar a voz dela me chamando, a risada dos nossos momentos juntas, consigo sentir o cheiro do seu perfume frutado... A tristeza que sinto é tão profunda, que tenho vontade de arrancar meu coração para fora do peito.

CAPÍTULO 4

Depois de uma terrível noite de sono (acho que dormi por duas horas), a minha tia me acordou para irmos ao velório da minha mãe, a última coisa que eu me imaginava fazer no auge da minha adolescência. Desde criança, eu sempre odiei velórios. A ideia de ver apenas o corpo de alguém que já teve uma alma iluminada me assombra.

Eu gostaria de conseguir entender a morte... acho que o problema é comigo, mas não consigo processar o fato de que um ser que um dia foi cheio de vida parte para nunca mais voltar, do dia para a noite, sem mais nem menos.

Coloquei qualquer roupa preta e torci para que aquele dia acabasse logo, eu só não queria aceitar que *aquele* velório era o da pessoa que eu mais amo no universo inteiro. Mas mesmo que esse dia horrível terminasse, acho que a sensação ruim do meu peito nunca iria embora.

Quando chegamos lá, não havia ninguém, mas com o passar do tempo, alguns fa-

miliares foram chegando. As horas se passavam, rostos conhecidos e desconhecidos passavam, me diziam “Sinto muito” ou “Meus pêsames”, mas a verdade é que a ficha estava começando a cair. Era a minha mãe naquele caixão, com o corpo gelado e pálido, o rosto totalmente sem vida. Os outros só conseguiam ver uma pessoa morta, mas a verdade é que, naquele dia, eu também morri. Não fisicamente, mas o meu coração estava morto por dentro.

Meus amigos foram até lá, a Lia passou o dia inteiro comigo e, mesmo que com poucas palavras, ter a amizade dela me consolava. Eu ainda tinha com quem contar.

Depois, fomos todos ao cemitério para o enterro da minha mãe. Aquele foi, sem nenhuma dúvida, o pior dia da minha existência inteira. Foi tudo tão terrível: o caixão sendo fechado, o choro incontrolável, todas as pessoas com olhares profundamente tristes, as roupas pretas... ela nunca iria querer aquilo. Tinha tantos sonhos, tanto amor no coração, era apaixonada pela vida, por flores (especialmente hibisco), por literatura, por música popular brasileira. Minha mãe merecia muito

mais que isso e, com a partida dela, um pedaço de mim também foi embora. Eu fiquei um tempo sozinha, em silêncio, eu e o túmulo dela, até que a minha tia chegou e disse que nós iríamos para a minha casa. O único lugar no mundo que ainda tinha fragmentos de uma vida com a minha mãe.

A pior parte daquele fatídico dia não foi o velório e muito menos o enterro em si, mas foi ter ido para casa e ter visto o par de sandálias preferidos dela no cantinho da sala. Sabe, há um dia, a minha mãe estava calçando esses sapatos e falando sobre como os pés dela ficavam lindos neles, mas, agora, ela simplesmente não estava mais ali. A morte é triste, a morte é dolorosa, mas, acima de tudo, é muito estranha. Quando minha mãe ia viajar, faltavam partes dela pela casa (um celular, uma roupa, um documento), mas eu sabia que ela estava viva e iria voltar. Agora, tudo estava ali, menos ela. Existem músicas que eu nunca mais vou conseguir ouvir, poemas que eu nunca mais vou conseguir ler, cheiros que eu nunca mais vou conseguir sentir, sem antes lembrar de uma pessoa que não está mais aqui.

Minha mãe era uma amante da literatura, não é à toa que trabalhava em uma editora, e ela sempre me dizia que a escrita é uma forma de aliviar os sentimentos mais profundos dentro de nós. Então, eu tomei uma decisão: vou começar a escrever cartas que nunca serão entregues.

Querida Mamãe,

Eu ainda não consigo acreditar que você se foi. O velório parece ter sido um pesadelo do qual não consigo acordar. A casa está tão silenciosa sem você. Cada canto traz lembranças suas e eu ainda nem tive coragem de entrar no seu quarto. Quando eu passo pela sala, quase consigo ouvir a sua risada que alegrava a todos. O mais estranho é saber que não posso mais sentir seu abraço ou ouvir seus conselhos.

Sinto falta de você recitando seus poemas, falando sobre a sua juventude. Agora, eu gostaria de ter pedido para poder ouvir mais das suas histórias. Se eu soubesse que teríamos tão pouco tempo, eu pediria um último abraço, daqueles bem apertados. Estou tão perdida, mamãe. Eu gostaria de entender

como tudo mudou tão rapidamente: antes, estávamos aqui juntas e, agora, estou aqui sozinha.

Você sempre foi meu porto seguro... agora, quando olho para o futuro, vejo um vazio enorme. Daqui a uma semana, vou ter que ir para um lugar que não conheço, com meu pai, outra pessoa que não faço ideia de quem seja.

Eu não sei como viver sem você. Escrevo essa carta, porque você amava literatura e sempre dizia que a escrita é um refúgio, eu preciso acreditar que, de alguma forma, você ainda me ouve. Queria te contar sobre meus dias, sobre como estou me sentindo. Quero que saiba que você foi a melhor mãe que eu poderia ter. A sua ausência está deixando um buraco tão grande que nada pode preencher.

Prometo que vou tentar ser forte, mas como você sempre me dizia “um dia após o outro”... espero que, onde quer que esteja, você possa me enviar um pouco da sua luz. Preciso dela para encontrar o caminho.

Com amor eterno,

Amélia

CAPÍTULO 5

Os dias após o enterro da minha mãe passaram como se fossem uma névoa espessa e eu não conseguia me preparar mentalmente para a mudança. Enquanto todo mundo ao meu redor tentava manter as coisas organizadas, eu estava uma bagunça por dentro. A ideia de deixar minha casa, meus amigos, o que me restava de família... era insuportável. Mas o que mais me machucava era ter que encarar meu pai. Havia anos que ele morava em Lyon, e nossa relação havia se limitado a algumas mensagens em datas comemorativas, chamadas de aniversário ou Natal, sempre impessoais. Minha mãe sempre fazia questão de me lembrar que ele era meu pai, que eu deveria tentar manter uma conexão com ele, porém eu nunca dei importância. Talvez por teimosia, mas ele também nunca se interessou o bastante em fazer parte da minha vida.

Tudo ao meu redor só me lembrava do vazio que a morte da minha mãe havia deixado: as conversas sussurradas, os olhares de compaixão, os itens pessoais dela espalhados pela casa... mesmo nesse contexto horrível,

minha tia Juliana e a Lia sempre tentavam me animar: me ajudavam a arrumar as malas, compravam algumas roupas novas para o clima da França, mas eu só queria me trancar no quarto e fingir que nada disso estava acontecendo. No fundo, eu estava com raiva. Raiva de tudo, da vida, do meu pai por não estar lá quando a minha mãe morreu, e até de mim mesma por ser incapaz de lidar com isso de forma mais madura.

No dia anterior ao embarque, eu fiz a última coisa que precisava fazer antes de ir embora do Brasil: eu entrei no quarto da minha mãe. Assim que cheguei no ambiente, as lágrimas começaram a correr pelo meu rosto, me deixando sem controle nenhum sobre elas. Eu senti o cheiro do perfume dela e, por um segundo, consegui ouvir sua voz chamando meu nome. A única coisa que consegui fazer foi deitar na cama, abraçar uma peça de roupa dela e chorar. Chorar até dormir, na esperança de acordar e ter a minha mãe ao meu lado de novo.

Quando acordei, já era noite, e meu tio Daniel me chamava para checar a mala e a documentação para a viagem. No momento que deitei novamente, minha mente estava um

turbilhão de pensamentos, fiquei encarando o teto por horas. Dormir parecia impossível. Pensava em como seria chegar lá, em como seria ver meu pai depois de tanto tempo. Será que ele ia tentar agir como se nada tivesse mudado? Ou será que ele também sentia a distância entre nós como eu? A sensação de que estava deixando o último pedaço de normalidade que ainda me restava era esmagadora. Eu olhava em volta, tentando gravar na mente cada detalhe daquele quarto, que parecia ser o único lugar do mundo que mantinha a memória da minha mãe viva. Era como se, ao cruzar o oceano, eu estivesse não apenas deixando para trás o Brasil, mas também minha mãe. Uma sensação de abandono me corroía, como se ao partir, eu estivesse perdendo meu último elo com ela.

Na manhã seguinte, meus tios me levaram ao aeroporto. A viagem até lá foi em um silêncio desconfortável. Ninguém sabia muito bem o que dizer. Meu tio Daniel, que sempre fora tão falante, mal pronunciou uma palavra. Minha tia Juliana, com os olhos vermelhos e inchados, tentava me confortar com olhares, com toques suaves no braço, mas ela também

parecia perdida. Quando chegamos ao aeroporto, fiquei feliz de ver rostos conhecidos de amigos. Eles me abraçaram, me deram flores, chocolates, cartas, disseram o quanto eu iria fazer falta e me entregaram um álbum de memórias.

Depois, minha tia me deu um abraço apertado, daqueles que você sente como se fosse o último. Eu afundei meu rosto em seu ombro, tentando segurar as lágrimas que ameaçavam escapar.

— Amélia, vai dar tudo certo. — A voz dela soava esperançosa, mas eu sabia que ela também estava com o coração apertado. — O Jean é seu pai, e, por mais que vocês estejam distantes agora, ele te ama. E sua mãe... — a voz dela falhou, mas ela continuou. — Sua mãe estará sempre com você, onde quer que você vá.

Assenti e agradei a ela por tudo que vinha fazendo por mim. Ela é uma das minhas pessoas favoritas no mundo inteiro. Minha melhor amiga, Lia, também me deu um abraço muito apertado e nós não conseguimos conter as lágrimas.

— Eu vou sentir sua falta todos os dias, prometo te visitar assim que der. Eu te amo

muito e quero que você fique com isso. — Em meio as lágrimas, ela me entregou uma foto que registrava eu, ela e a minha mãe na praia. Na parte de trás, Lia havia escrito um recado “Amélia, você tem o brilho da sua mãe e, agora, vai espalhá-lo pela França. Não importa onde você esteja, pode ter certeza que a tia Mari está guiando a sua vida pelo melhor caminho. Com amor, Lia”.

— Lia, você é a melhor amiga que eu poderia ter, sério! Obrigada por tudo, vou sentir muita saudade. Eu te amo. — Eu disse, aos prantos.

Me despedi de todos os meus amigos e dos meus tios, peguei minha mochila e, sem olhar para trás, segui em direção ao portão de embarque.

No avião, ao olhar pela janela, enquanto o Brasil desaparecia lentamente de vista, me senti mais sozinha do que nunca. De repente, fiquei me perguntando o que era mais assustador: a ideia de viver com meu pai, um completo estranho, em um país estrangeiro onde eu mal sei me comunicar ou a dor de ser uma adolescente que acabou de perder a mãe.

CAPÍTULO 6

Chegar a Lyon foi um choque. Eu me sentia deslocada, como se estivesse vivendo uma vida que não me pertencia. O aeroporto era enorme e, em meio ao francês que ecoava pelos alto-falantes e às pessoas apressadas ao redor, me sentia uma intrusa, que não pertencia àquele lugar. Há uma semana, eu tentava me preparar para o momento que encontraria meu pai, como seria, como ele agiria..., mas, mesmo me preparando, a realidade sempre surpreende.

Ele estava ali, parado perto da saída de desembarque, com um sorriso aparentemente forçado. Ao seu lado, Chloe, a mulher com quem ele casou há alguns anos e que eu só conhecia por fotos, assim como a vida inteira do meu pai, que eu assistia por fotografias.

Eu andei lentamente em direção a eles, com o coração acelerado e um nó na garganta. Meu pai abriu os braços, esperando um abraço quase que robotizado e eu retribui de maneira automática. Não era um abraço de reencontro, um abraço caloroso, não tinha cara de lar. Era uma formalidade, um toque

vazio, um gesto que você porque sabe que é o esperado de você, para “seguir o roteiro”.

—Amélia, como foi a viagem? — Ele perguntava com um sorriso no rosto, tentando soar casual. Mas a verdade é que havia um abismo que nos separava, um oceano de distância entre nós, e não era o Atlântico.

—Foi longa... — Murmurei, sem manter contato visual.

Ele tentou continuar a conversa, mas tudo soava forçado e o que mais me doía era saber que, em momento algum, ele iria falar sobre a minha mãe. Era óbvio que ele, assim como eu, não sabia como agir. E então, veio a apresentação inevitável.

—Filha, quero te apresentar a Chloe. — Ele fez um gesto para a linda mulher de cabelos loiros ao seu lado, que sorriu, um sorriso educado e gentil. Nem parecia que ela estava no meio de uma situação totalmente constrangedora.

—Olá, Amélia. É um prazer finalmente te conhecer. — Ela parecia um anjo. Sua voz era suave, quase doce, mas, mesmo assim, eu me sentia deslocada. Aquele não era o meu ambiente.

—Oi. Também fico feliz em conhecer você. — Eu disse, tentando ser educada e sorrir de volta, mas meu rosto parecia incapaz de expressar o mínimo de simpatia.

O caminho de volta para a casa deles foi um tormento. O silêncio era constrangedor, pouquíssimas vezes interrompido pelas falhas tentativas do meu pai de iniciar uma conversa. Eu olhava pela janela, observando a cidade passar como um borrão, enquanto escutava música no fone de ouvido. Lyon era bonita e aconchegante, mas não era minha casa. Jamais seria meu lar.

Quando chegamos à casa deles, muito bonita por sinal, me senti ainda mais deslocada. Era uma casa, mas não era um lar. Meu pai me mostrou o quarto que seria meu, um espaço bem decorado, grande, porém sem essência. Nada ali tinha qualquer traço de mim.

—Se precisar de qualquer coisa, estamos aqui. Pode contar conosco, Amélia. — Ele disse, parado na porta do quarto. A forma como pronunciava meu nome, como dizia para contar com ele da boca para fora, tudo aquilo era tão frustrante.

— Obrigada. — Respondi, sem esboçar nenhuma reação. Tudo que eu mais queria era ficar sozinha.

— Ah, e suas aulas começam daqui dois dias. Amanhã compraremos o que for necessário.

Assim que a porta fechou, me joguei na cama e comecei a chorar. O quarto estava silencioso demais e a vida parecia sufocante. Olhei pela janela e uma sensação esmagadora de tristeza me envolveu. A ficha caiu de vez. Aquela era a minha nova vida. Sozinha, sem ninguém para me amparar e sem a minha mãe para segurar minha mão e me guiar. Se ela estivesse aqui, nada disso estaria acontecendo. Tudo que eu mais queria era voltar no tempo, para o abraço dela, para o conforto que só ela sabia dar.

Querida Mamãe,

Acabei de chegar na França e dar “oi” para a minha nova vida. Conheci a esposa do meu pai, ela é linda, mas não é você. E o meu pai... nossa relação é fria e nossas interações são as piores possíveis.

Sinto falta de como as coisas eram antes. Da minha infância, em que fomos tão

felizes e partilhamos as melhores memórias, você e meu pai eram as minhas pessoas favoritas no mundo inteiro. Agora, me pergunto quem é esse homem e onde está o ser humano que tanto me amou. E, acima de tudo, eu sinto falta de você, mãe. A situação do meu pai é reversível, muito difícil, mas possível. Já com você...

É como aquela música que sempre cantávamos juntas:

Eu não vou saber me acostumar
Sem sua mão pra me acalmar
Sem seu olhar pra me entender
Sem seu carinho, amor, sem você
(Amor perfeito – Roberto Carlos)

Sendo sincera, eu nunca vou me acostumar. Eu não sei nem como lidar com o vazio que sinto. Me pergunto todos os dias por que isso teve que acontecer agora.

Minhas aulas começam daqui dois dias e eu não consigo conter o tamanho da minha ansiedade. Não sei esse idioma, não conheço ninguém, não tenho cabeça pra NADA.

Eu sei que você sempre me ensinou a ser otimista, mas está sendo impossível. Queria que você estivesse aqui.

Com todo o amor que existe em mim,
Amélia.

CAPÍTULO 7

O meu primeiro dia de aula na França despertou o pior da ansiedade em mim. No momento em que abri meus olhos, tudo que eu desejava era acordar do pesadelo que a minha vida havia se tornado. Mesmo assim, criei coragem para me arrumar e fui até a cozinha, de onde vinha um cheiro maravilhoso.

— Bom dia, Amélia! — Era a Chloe, tão entusiasmada, com um sorriso largo no rosto. O jeito dela lembrava tanto a minha mãe, sempre feliz e positiva.

— Bom dia. — Eu me sentia mal por não tratar a Chloe como ela merece, mas eu só não queria que ela ocupasse o lugar da minha mãe. Ela é uma pessoa legal, educada, simpática, linda, mas não é minha mãe.

— Preparada para o seu primeiro dia? — Ela perguntou, com brilhos nos olhos.

— Não sei... é tudo muito novo.

— Tenho certeza de que você vai se sair bem! E quanto ao francês, com aulas e o convívio direto com o idioma, você vai aprender logo.

—Deus te ouça... — Murmurei. De repente, uma voz familiar ecoa pelo ambiente.

—Amélia, tudo pronto para o seu premier jour d'école? — Era meu pai (finalmente uma frase e francês que eu entendia) e, no momento em que ele falou isso, me dei conta de que nunca ouvi ele falar essa língua antes. Não consigo explicar o porquê disso, mas aquilo representou muito para mim. Na vida do meu pai, ele deve falar francês todos os dias, mas, como eu não estou inserida nessa vida, eu nunca ouvi ele falar o idioma do país que mora.

—Acho que sim, vou só terminar de comer e podemos ir.

No caminho para a escola, aproveitei para observar a cidade. Apesar da escola ser bem perto, consegui aproveitar a arquitetura casual, os jardins que coloriam a vista e um dos rios que corta a cidade. Era tudo tão lindo, com tanta vida, tanta cor. Infelizmente, eu não me sentia parte disso.

Ao chegar à escola, uma onda de rostos desconhecidos me cercava. Me senti totalmente deslocada, eu não os conhecia e ninguém falava minha língua. De repente, os pensamentos negativos começaram a ocupar

minha mente “E se eu não me adaptar? E se ninguém vir falar comigo? E se minha relação com meu pai nunca melhorar?”. Sabe, uma vez minha mãe me disse que “E” e “Se” são palavras que sozinhas não apresentam nenhuma ameaça, mas, se colocadas juntas lado a lado, elas têm o poder de nos assombrar a vida toda... E se? E se? E se?

Quando o sinal indicou que a aula iria começar, me dirigi até a sala de aula e escolhi um lugar para sentar. As pessoas foram chegando, cada um em seus lugares de costume, com seus grupinhos formados, falando, rindo e eu sem entender uma palavra. Pouco tempo depois, o professor chegou, cumprimentou todos e apontou para mim, com o intuito de que eu me apresentasse. Exercitei o pouco de francês que eu sabia, minha voz saiu fraca, como se estivesse presa na minha garganta. O silêncio que se seguiu na sala foi pesado, e, o professor, com um aceno gentil, me dispensou logo. Sentei-me com o rosto queimando de vergonha, ciente e que minha pronúncia estava longe do que eles esperavam.

A partir daí, as aulas passaram como um borrão. O professor escrevia no quadro, fa-

lava com uma velocidade que parecia impossível de acompanhar. Os números, as equações e até mesmo os fatos históricos pareciam familiares, mas as palavras ao redor pareciam mistérios indecifráveis.

No intervalo, procurei um lugar onde pudesse ficar sozinha, longe dos grupinhos que já estavam formados. O som das conversas era uma lembrança dolorosa de que, ali, eu era um peixe fora d'água. Sentei-me em um banco e peguei o celular, precisava falar com Lia. Como o fuso horário era de 5 horas de diferença, ela provavelmente ainda estava dormindo. De qualquer forma, me agarrei ao resto de Brasil que eu ainda tinha e escrevi sobre como tudo estava acontecendo. A saudade de casa, da minha mãe, da minha vida, era um peso enorme.

O fim das outras aulas passou voando e, no caminho de volta para casa, o mesmo silêncio de sempre. No entanto, antes que eu pudesse entrar no meu quarto, meu pai decidiu tentar quebrar a barreira que havia entre nós.

— Amélia, como foi seu primeiro dia?

— É diferente... um pouco difícil — Tentei forçar um sorriso.

— Eu sei que pode parecer um choque, mas o que você achou da escola?

— A escola é legal. O francês é frustrante.

— Respondi, já querendo encerrar o assunto.

— Eu me lembro de quando me mudei para cá. Era tudo novo para mim também. Você vai se acostumar, com o tempo, tudo vai parecer mais fácil. Garanto. — Por que ele soava tão compreensivo? Olhei para ele, sentindo uma mistura de raiva e tristeza, e assenti.

— Podemos fazer algo juntos, se você quiser. Conheço as paisagens mais bonitas de Lyon.

— Ainda preciso de um tempo para me adaptar. — Respondi, engolindo em seco.

— Tudo bem. Apenas lembre-se de que estou aqui para você. Você não está sozinha.

As palavras dele ressoaram na minha mente, mas a verdade é que eu nunca me senti tão sozinha. Enquanto eu ia para o quarto, desejava que meu pai entendesse a profundidade da minha dor. Decidi escrever mais uma carta.

Mãe,

Eu queria tanto que você estivesse aqui. Não sei nem por onde começar... as coisas estão difíceis e me sinto cada vez mais perdida. Hoje foi meu primeiro dia de aula e foi um desastre. Não consigo entender as pessoas. É como se todo mundo falasse em códigos que eu não sei decifrar. As palavras saem erradas, a pronúncia é estranha. Sabe aquela sensação de não pertencer a um lugar? É isso que sinto o tempo todo. No Brasil, eu sabia quem eu era — quem eu era com você, com a Lia, com todo mundo. Aqui, sou só a deslocada.

Hoje, na sala de aula, o professor pediu que eu me apresentasse. Eu tentei, mas minha voz mal saiu. Todo mundo me olhava, e eu só queria desaparecer. O pior é que eu sabia que eles não estavam tentando ser cruéis, mas isso não fez a vergonha ser menor. Eu queria poder te ligar agora e ouvir sua voz. Queria que você me dissesse que tudo isso vai passar, como você fazia quando eu tinha medo das coisas. Mas você não está aqui e isso dói de

um jeito que eu não sei explicar. A dor é silenciosa, sabe? Ninguém vê, mas está sempre comigo.

Jean tenta ajudar, mas ele não entende. Ele acha que me levar para passear ou falar sobre coisas daqui vai fazer com que eu me sinta melhor. E Chloe... Bom, ela é educada e sorridente, mas nunca vai ser você. Eles não sabem que o que eu sinto é muito mais do que saudade de casa — é saudade de você. Saudade do jeito que você fazia tudo parecer menos complicado.

Mãe, às vezes eu me pergunto se vou conseguir me encaixar aqui. Se vou parar de me sentir como um peixe fora d'água. No fundo, só queria poder voltar no tempo e estar com você, na nossa casa, tomando café da tarde e rindo de alguma bobeira da televisão.

Eu sei que tenho que ser forte, mas, sinceramente, não sei por quanto tempo vou conseguir. Tudo é tão distante.

Escrevendo pra você, parece que me sinto um pouco mais perto, como se minhas palavras pudessem atravessar a distância que nos separa agora. Eu vou tentar continuar, mãe. Vou tentar ser corajosa, como você sempre me ensinou. Mas é difícil. Tão difícil.

Com toda a saudade do mundo,
Amélia

CAPÍTULO 8

A semana seguinte foi monótona e o tempo passou como areia sendo levada pelo vento. Não consegui fazer nenhuma amizade, entrei em um curso de francês, mas quase não tenho com quem exercitar. Durante os dias, Jean era educado, às vezes até gentil, mas havia algo estranho na forma como ele tentava se aproximar, como se estivesse pisando em ovos. Era como se ele não soubesse o que fazer comigo, e eu não soubesse como deixar que ele tentasse. Quando chegou o final de semana, de manhã cedinho, ele me fez a mesma pergunta de todos os dias.

— Quer dar uma volta por Lyon hoje? — ele perguntou enquanto eu terminava de tomar meu café. Era sábado e o céu lá fora não parecia muito convidativo.

— Acho que vou ficar em casa — murmurei, mexendo o café com a colher.

Ele forçou um sorriso, aquele tipo de sorriso que não chega aos olhos.

— Pensei que você pudesse gostar de ver a cidade, conhecer os mercados... há um

lugar que vende croissants ótimos, você vai gostar.

Olhei para ele e, por um momento, quase senti pena. Ele estava tentando, eu sabia. Mas algo dentro de mim resistia. Parecia que qualquer coisa que ele oferecesse seria uma tentativa de substituir o que eu tinha perdido, como se uma ida ao mercado fosse capaz de preencher o vazio deixado pela minha mãe.

— Talvez outro dia — respondi.

Jean suspirou, ajeitando o colarinho da camisa como se aquilo o ajudasse a lidar com o desconforto. Ele não era ruim, só... distante. Como se ainda não soubesse como ser pai. E, para ser honesta, eu também não sabia como ser filha dele.

Mais tarde, minha madrasta sugeriu que eu e meu pai fôssemos juntos ao Parc de la Tête d'Or, um dos maiores parques da cidade. "Vai ser bom para vocês", ela disse, com aquele sorriso gentil e maternal que me irritava mais do que deveria. A verdade é que eu tinha uma certa inveja de como a vida era boa com ela.

Fomos ao parque. O lugar era lindo, com árvores douradas pelo outono e um lago

enorme onde crianças brincavam com barquinhos de controle remoto. Mas o silêncio entre mim e meu pai era constrangedor. Caminhávamos lado a lado, ele apontando pontos turísticos aqui e ali, falando da história de Lyon. Eu respondia com acenos e murmúrios curtos, e a conversa morria antes mesmo de começar.

— Você sabe... não precisa gostar daqui de imediato — ele disse, após um longo silêncio. — Eu sei que é difícil.

Aquilo me pegou de surpresa. Por um momento, pensei que ele diria algo significativo, algo que me ajudaria a lidar com tudo aquilo. Mas então ele completou:

— Vamos encontrar um jeito de tornar isso mais fácil.

E foi aí que o ressentimento cresceu. Tornar “mais fácil”? Como se a morte da minha mãe e a mudança para outro continente fossem coisas que se resolvessem com pequenos gestos. Tudo parecia muito superficial.

— Não é tão simples assim, pai. — Minha voz saiu mais fria do que eu pretendia, mas não me importei. — Não dá pra fazer tudo ficar “fácil”.

Ele parou, passando a mão pelos cabelos grisalhos, claramente sem saber o que dizer. Talvez ele achasse que estava fazendo o suficiente. Talvez achasse que eu deveria ser mais grata. Mas o que ele não entendia — e eu não sabia como explicar — era que o buraco que minha mãe deixou não podia ser preenchido com uma nova cidade, com novos planos, ou com a vida perfeita que ele e Chloe estavam tentando construir.

— Eu sei que não é fácil, Amélia. — Ele suspirou. — Só quero que você saiba que estou aqui. Eu sou seu pai.

Eu não respondi. Na verdade, não sabia se acreditava nele. Ele estava ali, claro, mas parecia fora de sintonia, perdido na tentativa de consertar algo que não podia ser consertado.

Quando voltamos para casa, eu fui direto para o meu quarto. Encostei a porta e me joguei na cama, sentindo um cansaço que não era apenas físico. Tudo ali era um esforço constante: sorrir, ser simpática, tentar entender o que minha nova vida pedia. Eu sei que Jean estava tendo, mas era como se nos conectássemos por fios diferentes — os dele, frágeis

e formais, os meus, emaranhados de dor e saudade.

Enquanto mexia no celular, Lia tinha deixado uma mensagem de áudio. Apertei o play, e ouvir sua voz do outro lado do oceano me trouxe um conforto momentâneo. "Como você tá aí? Sinto tanto a sua falta, amiga... Não vejo a hora de você voltar pra cá ou eu ir treinar meu "francé". Te amo, me dá notícias."

Ali, sozinha no meu quarto em Lyon, tudo que eu queria era ser compreendida. Não por gestos educados ou passeios em parques, mas por alguém que entendesse que eu ainda estava em pedaços e que algumas coisas não podem simplesmente ser suavizadas.

Passei a tarde no computador e depois fui dormir, na esperança de que o amanhã fosse um dia melhor. Já dizia Chico Buarque, "Amanhã vai ser outro dia".

CAPÍTULO 9

Eu sonho com minha mãe quase todas as noites e naquela não foi diferente. Em cada sonho, ela está sorrindo, com um buquê de flores na mão. É sempre o mesmo: estamos juntas em casa, ela está me contando alguma coisa relacionada à sua paixão por literatura enquanto prepara o melhor bolo de chocolate do mundo. Quando eu acordo, por um segundo, acho que estou de volta no Brasil, que nada disso aconteceu. Mas a realidade vem rápido, e o vazio toma conta. Ela não está mais aqui. E eu estou do outro lado mundo, sem saber como continuar sem ela.

As lembranças aparecem nos momentos mais aleatórios. Outro dia, vi uma mulher com um lenço vermelho no cabelo no mercado, exatamente como ela costumava usar, e meu coração apertou tanto que tive que sair correndo dali. Eu me escondi no banheiro, tentando respirar, mas a dor veio forte, daquele jeito que a gente não consegue evitar.

Chloe tentou se aproximar no dia seguinte. Ela entrou no meu quarto e se sentou

na beirada da cama, como se estivesse com medo de invadir meu espaço.

—Quer sair para tomar um sorvete? — Ela perguntou, sorrindo daquele jeito gentil.

—Não, obrigada — Eu balancei a cabeça, tentando não ser grosseira.

Ela pareceu desapontada, mas não insistiu.

—Se precisar de alguma coisa, estou por aqui.

Ela é simpática, educada, delicada. Mas eu não consigo evitar o nó que se forma na minha garganta toda vez que ela tenta conversar comigo. Ela não fez nada de errado, mas o simples fato de ela estar aqui, na casa que deveria ser só minha e do meu pai, me faz sentir como se fosse uma intrusa. Como se ela tivesse tomado um lugar que não era dela. Eu sei que é injusto. Ela não tem culpa da morte da minha mãe. Sei que meu pai tem direito de reconstruir a vida dele, mas não é fácil assistir a tudo isso. Eles riem juntos na cozinha, fazem planos para o final de semana, como se fossem uma família de verdade. E eu? Eu me sinto como uma peça solta, que não se encaixa em lugar nenhum.

As noites são as piores. Fico deitada, olhando para o teto, ouvindo os sons baixos da casa: o ranger dos móveis, o sussurro distante da televisão ligada. É nesses momentos que a saudade me engole por completo. Eu fecho os olhos e consigo ouvir a voz da minha mãe, consigo sentir seus braços me apertando num abraço demorado. E, quando abro os olhos de novo, só resta o vazio.

Às vezes, me pergunto como seria se ela estivesse aqui. Talvez tudo fosse diferente. Talvez eu não me sentisse tão perdida. Mas essas perguntas não levam a lugar nenhum, e o peso da ausência dela continua ali, constante, como uma pedra no peito.

Outro dia, achei uma foto dela no fundo da minha mala. Era uma foto nossa, tirada no quintal de casa. Nós duas estávamos rindo, os cabelos bagunçados pelo vento. Fiquei olhando para aquela foto por tanto tempo que perdi a noção das horas.

No fundo, sei que ninguém pode substituir minha mãe. Nem Chloe, nem meu pai, nem ninguém. Mas também sei que, se eu continuar vivendo só nessas lembranças, vou me perder de vez.

Guardei a foto de volta na mala e fiquei ali, sentada no chão do quarto, tentando entender como seguir em frente. Não sei se vou conseguir, mas, por enquanto, é tudo o que eu tenho. A semana iria começar novamente e, se eu continuasse do jeito que estava, nunca iria seguir em frente.

CAPÍTULO 10

Naquela manhã, como de costume, eu cheguei cedo demais na escola. Era muito perto da minha casa, e meu pai não me deixava ir de bicicleta. Caminhei devagar pelo pátio, tentando ignorar as conversas ao meu redor, todas em francês. O som das vozes misturadas formava uma cacofonia distante, como um rádio sintonizado em uma estação errada. Eu não tinha energia para tentar entender o que diziam. Já tinha aceitado que, por mais que me esforçasse, tudo ainda parecia fora do meu alcance. A sensação de não pertencer estava ali, firme, grudada em mim como a mochila pesada nos meus ombros.

No intervalo, sentei no banco que eu havia transformado no meu pequeno refúgio. Ficar sozinha já tinha virado rotina. Era mais fácil assim: evitar os olhares curiosos, as perguntas que eu não conseguia responder, e os momentos em que me sentia ainda mais deslocada ao tentar participar de conversas sem contexto. Eu abri o celular e comecei a reler pela milésima vez as mensagens da Lia, minha melhor amiga. Eram só trocas bobas de

rotina — memes, fotos do nosso grupo no Brasil, e um "sinto sua falta" que sempre me fazia respirar fundo, tentando afastar a saudade.

— Você é do Brasil, né?

Eu quase pulei de susto. Levantei a cabeça e vi um garoto parado na minha frente. Não o reconheci de imediato. Ele tinha o cabelo castanho claro, meio bagunçado, e usava um casaco escuro. Parecia que o frio não o incomodava tanto quanto a mim.

— Oi? — Respondi, ainda surpresa por alguém ter falado comigo, e em português.

— Eu sabia, — Ele sorriu. — Sou Olivier. Minha família por parte de pai é brasileira.

Era esquisito ouvir português ali, tão longe de casa. Por um segundo, fiquei desconfiada. Não estava acostumada com essa familiaridade fácil.

— Como você sabe que sou do Brasil?

— Pelo pouco do que você fala francês. É... meio brasileiro — Ele disse com um sorriso divertido — Além disso, seu sobrenome "Duarte". Quando a professora tentou falar seu nome, eu já saquei.

— Sim... ela assassinou meu nome. — Eu ri baixinho, quase sem querer.

De repente, aquele menino se sentou ao meu lado, sem cerimônia. Parecia à vontade, como se soubesse que aquele banco não era só meu.

— Você sempre morou aqui? — Perguntei, curiosa.

— Sim. Minha mãe é francesa, e meu pai é do Rio. Eles se conheceram em uma viagem e ficaram por aqui. — Ele deu de ombros. — A gente vai ao Brasil nas férias, mas é diferente desde que minha avó se foi. Ela era minha pessoa favorita no mundo e eu tinha vontade de ir para lá todo mês, só para vê-la.

— Sinto muito. Bom, temos algo em comum. Faz um mês que perdi minha pessoa favorita e ela também estava no Brasil.

Ele me olhou como quem lamentasse e disse:

— Meu pai chegou na França faz tempo, mas sempre diz o quanto é difícil no começo. Você tá indo bem.

— Parece que tô sempre perdida.

— Acho que faz parte. Dá um nó no começo, mas depois as coisas começam a fazer mais sentido. Bom, mais ou menos...

Aquela honestidade simples me surpreendeu. Ele não estava tentando me consolar

com clichês ou dizendo que tudo ia melhorar. Em vez disso, falava como alguém que sabia exatamente o que eu estava sentindo.

A conversa fluiu de um jeito natural. Pela primeira vez desde que cheguei a Lyon, eu não me senti cansada de tentar entender alguém. Olivier falava de um jeito fácil e direto, misturando francês e português sem perceber. Eu podia baixar a guarda, respirar sem medo de dizer a coisa errada. Era aliviante.

—Se precisar de ajuda com o francês ou com qualquer coisa... tô por aqui. Ah, e só mais uma coisa, seu pai é o Jean Duarte?

—É, é sim. Você o conhece?

—Ele é um fotógrafo famoso por aqui e digamos que eu também gosto muito de fotografia.

Naquele momento, percebi o quanto eu precisava de alguém para contar, de um amigo.

Nos dias seguintes, Olivier se tornou uma presença constante, mas não invasiva. Ele me explicava expressões francesas que eu não entendia, me mostrava como lidar com a rotina da escola e, mais importante, ele não tinha pressa. A amizade dele era reconfortante,

não exigia nada, não pressionava e parecia entender que eu precisava de tempo. A presença de Olivier não fazia a saudade do Brasil desaparecer, mas tornava o peso da adaptação um pouco mais suportável. Ele não tentava preencher o vazio da ausência da minha mãe, e compartilhava do quão difícil foi perder a avó.

Mesmo assim, eu continuava com as paredes erguidas. Ainda me sentia vulnerável e perdida demais para deixar alguém se aproximar de verdade. Tenho quase certeza de que ele percebia isso, mas não se importava. Ele estava ali, como quem sabe que a travessia é longa e que cada um tem seu tempo para encontrar o caminho.

E, pela primeira vez desde que cheguei à França, comecei a acreditar que talvez, só talvez, fosse possível construir uma nova vida ali. Aos poucos. Do meu jeito. Mas eu precisava questionar meu pai.

CAPÍTULO 11

No sábado, sentei-me à mesa da cozinha, os raios de sol entrando pelas janelas, mas a luz não conseguia aquecer o ambiente frio e distante. Meu pai, estava ali, mas parecia tão longe. Ele mexia no café, com a expressão perdida em seus pensamentos, enquanto a ausência da minha mãe se espalhava por cada canto da casa, como uma sombra indesejada.

A morte dela e a ideia de me mudar para a França haviam virado a minha vida de cabeça para baixo. Minha relação com meu pai não era nada boa e nada podia esconder isso.

Finalmente, não consegui mais me conter.

— Você sabia que eu estava no Brasil por todos esses anos e, mesmo assim, veio para a França e nunca mais voltou. — Ele se assustou com as minhas palavras.

— Amélia, eu não queria que você se sentisse assim. — Ele respondeu, a frustração começando a se infiltrar em sua voz. — Eu vim para a França para tentar construir uma

vida melhor para nós. O que eu fiz foi pensando no seu futuro!

—Futuro melhor? Você acha que isso significa me abandonar? Você não percebe que tudo o que eu precisava era da sua presença?

Ele parecia lutar contra a maré de emoções que começava a invadi-lo.

—Eu estava tentando dar a você uma vida que eu não podia oferecer no Brasil! Pensei que você nem queria saber de mim. Quando eu te ligava, você mal me respondia, filha.

—Você se esqueceu de mim. Não queria atrapalhar a sua vidinha perfeita. Você nem foi para o velório dela!

—Amélia, isso não é justo! Eu nunca te esqueci, mas como iria forçar que você falasse comigo? Eu perdi sua mãe também! Não é porque eu não vivia com vocês que a perda dela não me abalou! E sobre o velório, eu não tinha esse dinheiro todo para ir ao Brasil e voltar.

A menção da minha mãe foi um soco no estômago. A dor que ambos sentíamos parecia a única coisa que nos unia.

—Você não pode usar isso como desculpa! Eu precisei de você e você não estava lá. Em vez disso, você estava mais preocupado em se adaptar a essa nova vida!

Ele se levantou, passando a mão pelos cabelos, a frustração estampada em seu rosto.

—Eu não posso mudar o passado, Amélia! Eu não posso trazer sua mãe de volta! Só estou tentando encontrar uma forma de nos reerguermos!

O silêncio que se seguiu era sufocante. Nossos olhares se encontraram, e percebi que ambos estávamos tão imersos na nossa própria dor que mal conseguíamos ver o que o outro estava passando.

—Eu preciso de um tempo. — murmurei, minha voz trêmula. Levantei-me da mesa, a cadeira rangendo enquanto eu me afastava. Saí da cozinha, a porta se fechando atrás de mim com um estalo.

Saí para as ruas de Lyon, o ar frio me atingindo como um balde de água gelada. As lágrimas escorriam pelo meu rosto, misturando-se com o frio que eu estava sentindo. Caminhei sem rumo, perdida entre os pensamentos e as lembranças da minha mãe. A

briga com meu pai não era apenas sobre palavras ditas; era um reflexo da ausência dele em momentos cruciais da minha vida.

Eu queria que ele entendesse a dor que eu sentia, mas, ao mesmo tempo, havia um medo de abrir meu coração. A distância havia nos separado, e eu me perguntava se conseguiríamos nos reencontrar. A ideia de que estávamos perdidos em nossas próprias solidões era devastadora.

Enquanto caminhava, percebi que a luta interna que enfrentava não era apenas minha, mas dele também. Apesar de tudo, a briga havia acendido uma luz, uma pequena esperança de que, com o tempo, poderíamos reconstruir algo que havia sido quebrado.

Eu ainda não sabia como seria esse caminho, mas a jornada para a reconexão recomeçava ali. Não seria fácil, mas era um caminho que eu estava disposta a explorar, mesmo que isso significasse confrontar a dor novamente. E, talvez, em algum lugar ao longo do caminho, eu pudesse encontrar um pouco de conforto e esperança, não apenas para mim, mas para nós dois. Assim como eu tinha meus problemas, ele tinha os seus.

Querida Mamãe,

Sinto sua falta todos os dias, e às vezes, a dor da sua ausência é tão forte que parece que o mundo ao meu redor perde as cores. Mas, mesmo assim, estou tentando encontrar meu caminho aqui, e tenho algumas novidades que queria te contar.

Primeiro, fiz um amigo! Ele se chama Olivier, e, desde que nos conhecemos na escola, ele tem sido um verdadeiro apoio para mim. Já estava na hora de fazer amigos, né? Ele me ajuda com o francês, e vamos conhecer vários lugares da cidade. Lembro de você sempre dizendo que as amizades são como tesouros, e eu realmente sinto que encontrei um. A maneira como ele fala sobre Lyon é tão contagiante que, às vezes, consigo esquecer um pouco da saudade que sinto de você. Ele é fotógrafo, assim como meu pai.

Falando no meu pai, tivemos uma briga feia e eu gritei coisas que não deveria. Senti como se ele me tivesse deixado para trás quando se mudou para cá e ele disse que eu não queria manter ele por perto. As palavras que trocamos foram duras e a distância entre nós parecia aumentar a cada instante. Mas,

depois de um tempo, percebi que ambos estávamos sofrendo e que a dor da perda nos afetava de maneiras diferentes. Eu vou pedir desculpas para ele, mas queria que ele também fosse mais compreensivo comigo.

Mamãe, eu só queria que você soubesse que estou tentando. Estou aprendendo a lidar com a dor e a saudade, mas também estou abrindo espaço para novas experiências e amizades. Prometo que continuarei honrando sua memória enquanto busco encontrar alegria novamente.

Obrigada por estar olhando por mim de onde quer que você esteja e saiba que, aonde quer que eu esteja, levo você em meu olhar.

Com todo amor do mundo,

Amélia.

CAPÍTULO 12

A luz da manhã entrava pela janela do meu quarto, era domingo. Após a discussão explosiva com Jean, eu me sentia culpada e desorientada. Pensei seriamente em pedir desculpas para ele, mas quando fui procurá-lo, Chloe me disse que ele saiu logo cedo. Ela tentou puxar assunto comigo, perguntou se consegui fazer amigos, eu só assenti e disse que iria sair para espairecer a mente.

Peguei meu celular e vi que Olivier me convidou para explorar Lyon. “Você precisa conhecer esta cidade, Amélia! Tem tanta coisa incrível por aqui!”. Digitei que poderíamos começar hoje e mandei o endereço da casa do meu pai.

—Vamos começar pelo Vieux Lyon. Você vai adorar! — Ele exclamou.

Assim que começamos a pedalar, senti um misto de nervosismo e excitação. A cidade parecia vibrar ao nosso redor, mas eu ainda carregava a dor da perda, como uma sombra que me seguia a cada passo.

Chegando ao Vieux Lyon, me surpreendi com as ruas de paralelepípedos e as fachadas coloridas dos prédios. Era como se tivéssemos entrado em um conto de fadas. As pequenas lojas, os cafés charmosos e os aromas deliciosos das padarias me envolviam, e, por um instante, consegui esquecer a saudade que pesava sobre mim. Enquanto caminhávamos, Olivier compartilhava histórias sobre a cidade, suas tradições e as festas locais.

— Você sabia que aqui em Lyon acontece uma festa das luzes em dezembro? É incrível! A cidade fica linda e atrai muitos turistas — Ele comentou, com os olhos brilhando de entusiasmo. Eu não conseguia deixar de sorrir ao vê-lo tão animado. Havia algo contagiante na maneira como ele falava, e eu me vi imaginando um futuro em que poderia realmente aproveitar essas experiências nessa cidade.

— Vamos parar em um café? — Sugeriu, e Olivier concordou. Entramos em um pequeno bistrô, onde pedimos croissants quentinhos e chocolat chaud. O aroma do café fresco encheu o ar, e, enquanto esperávamos, olhei pela janela. A vida continuava lá fora, pessoas passando, crianças brincando, risadas ecoando. A vida sempre continua.

Assim que os pedidos chegaram, Olivier começou a me ensinar algumas palavras em francês, rindo das minhas tentativas desajeitadas de pronunciar os nomes dos pratos. Em momentos como aquele, a dor da perda parecia um pouco mais distante.

A cada nova descoberta, a cada risada compartilhada, eu me sentia um pouco mais leve. Depois, fomos ao Parc de la Tête d'Or, onde eu já havia ido com meu pai, e a beleza do lugar me fez refletir sobre minha vida e a dor que ainda carregava.

— O que você sente quando pensa na sua mãe? — Olivier perguntou, ao notar meu olhar distante. A pergunta me pegou de surpresa e, percebendo minha confusão, completou:

— Sem querer ser inconveniente, é que, quando minha avó faleceu, eu sentia um vazio enorme. Mas, com o tempo, eu percebi que tudo que ela mais queria era me ver feliz. Foi por causa dela que comecei a fotografar.

— Eu sinto saudade, uma dor profunda. Às vezes, parece que ela ainda está aqui e outras vezes, a ausência é insuportável — Confessei, a voz tremendo. — É como se houvesse

um buraco em mim, um vazio que não consigo preencher. E, até quando estou tentando ser feliz, parece que tô esquecendo dela.

Olivier ficou em silêncio, absorvendo minhas palavras.

—Você não está esquecendo sua mãe, Amélia. A dor faz parte de quem você é agora. Mas isso não significa que você não possa viver novas experiências. Você pode honrar a memória dela enquanto também se permite ser feliz. Pelo pouco que você me fala, ela era uma pessoa muito alegre e com certeza só quer o seu bem.

Suas palavras ressoaram em mim como um eco de esperança. Eu percebi que estava tão focada na dor que não via as possibilidades ao meu redor. O luto não era uma barreira intransponível, mas um caminho que poderia me levar a novas experiências e novas memórias.

Nos dias seguintes, continuei explorando Lyon com Olivier depois das aulas. Visitamos o mercado local, onde os vendedores ofereciam queijos e frutas frescas, e a atmosfera vibrante começou a me envolver. Em um momento, enquanto Olivier e eu experimentávamos uma variedade de queijos, eu ri tanto

que a dor parecia se dissipar um pouco. Eu não apenas estava conhecendo a cidade, mas também começando a me redescobrir.

Enquanto as semanas passavam, algo dentro de mim começou a mudar. A cada nova aventura, a cada amizade que se formava, eu me sentia mais conectada à cidade e mais confiante em mim mesma. A presença de um verdadeiro amigo era um conforto e, aos poucos, percebi que ele havia se tornado uma parte importante da minha vida aqui.

Então, já haviam se passado três dias desde a briga e o clima em “casa” estava tão ruim, que eu precisava falar com meu pai. A tensão entre nós me incomodava. Eu sabia que precisava tentar reconciliar essa relação, mesmo que fosse difícil.

Quando entrei em casa, encontrei Jean sentado no sofá, olhando fixamente para uma foto de minha mãe. O coração disparou, e eu sabia que era o momento certo para falar.

—Oi, pai. Podemos conversar? — Minha voz soou mais firme do que eu me sentia.

Ele se virou, surpreso, mas acenou com a cabeça.

—Claro, Amélia. Estou aqui.

Sentamos juntos no sofá, e tomei um momento para respirar fundo, buscando as palavras certas.

—Sobre a nossa briga... eu só queria que você soubesse que estou tentando entender tudo isso. Não é fácil para mim, e eu sei que não é fácil para você também. Me perdoa?

Ele olhou para mim, os olhos cheios de emoção.

—Amélia, eu sinto muito. Eu não soube como lidar com tudo isso. Queria ser um pai melhor. Sinto muito por ter estado tão distante. Minhas defesas começaram a se desmoronar.

—Eu também sinto falta da mamãe. Às vezes, é difícil lembrar que você também está sofrendo. Mas eu quero tentar reconstruir isso, nossa relação. Quero que possamos ser uma família de novo, mesmo que as coisas sejam diferentes.

—Eu quero isso também. Quero que possamos falar sobre ela, sobre o que estamos sentindo. Podemos fazer isso juntos. E essa foto... é a sua mãe aqui em Lyon, quando ainda era jovem, ela tinha mais ou menos a sua idade. Se você quiser, podemos ir a esse lugar juntos.

—Claro.

Me surpreendi ao saber que minha mãe já havia visitado Lyon. E com a minha idade! Ela mãe estava linda na foto e muito feliz. O sorriso mais contagiante que existia.

Aquela conversa não resolveu todos os nossos problemas, mas foi um início. Um pequeno passo em direção à cura e à reconexão. Começamos a compartilhar mais momentos juntos, e aos poucos, a confiança e a conexão foram se restabelecendo.

Com a ajuda de Olivier e a reconciliação com meu pai, percebi que estava realmente começando a me transformar. A vida em Lyon, mesmo com sua complexidade, tinha um potencial que eu ainda estava descobrindo. Eu não estava sozinha; havia apoio, amor e a promessa de novas experiências.

E, acima de tudo, havia a certeza de que, mesmo com a dor, eu poderia encontrar alegria novamente.

Querida Mamãe,

Hoje, decidi escrever para você mais uma vez. Às vezes, sinto que isso me ajuda a

organizar meus pensamentos e emoções. Enquanto escrevo, a cidade de Lyon está linda e eu gostaria de compartilhar com você, porque sei que você sempre apreciou a beleza da vida.

Sinto que estou começando a aceitar que posso seguir em frente, mesmo que a dor da sua ausência ainda esteja presente. Às vezes, me pergunto se é normal sentir um peso no coração enquanto tento construir uma nova vida. As memórias de você ainda me cercam, e embora eu sinta falta de cada momento que vivemos, estou começando a perceber que isso não significa que eu tenha que ficar presa ao passado. Será se a dor e a esperança podem coexistir?

Lyon é uma cidade cheia de vida e história. Eu tenho explorado suas ruas e cada esquina parece contar uma nova história. Conheci lugares incríveis, como o Vieux Lyon, com suas ruas de paralelepípedos e edifícios coloridos que me lembram um pouco do Brasil. Cada visita me faz sentir um pouco mais conectada a este lugar e, de certa forma, isso me ajuda a me sentir mais viva. Às vezes, enquanto estou nesses lugares, imagino você ao

meu lado, rindo e comentando sobre as coisas que estamos vendo.

A amizade que fiz com Olivier também tem sido fundamental para mim. Ele me apresenta a novos lugares, como cafés e parques escondidos que eu nunca teria encontrado sozinha. Em nossas conversas, ele fala sobre suas próprias experiências e me ajuda a encontrar alegria nas pequenas coisas. Sinto que, aos poucos, estou me permitindo abrir meu coração para novas amizades e experiências. É como se uma nova camada de vida estivesse se formando ao meu redor.

Claro, existem dias em que a saudade aperta de forma insuportável. Às vezes, me pego esperando por você para me contar sobre meu dia ou para ouvir suas palavras de conforto. Essas lacunas ainda estão presentes, e eu não sei se algum dia deixarão de existir completamente. Mas estou começando a perceber que posso seguir em frente sem esquecer quem você foi para mim.

Mamãe, sua lembrança continua viva em mim, e isso é algo que eu carrego com orgulho. Eu quero honrar tudo o que você me ensinou sobre amor, coragem e viver a vida ao máximo. À medida que descubro Lyon e

construo novas memórias, espero que você esteja me observando e sorrindo. Quero que saiba que, embora a saudade nunca vá embora, estou aprendendo a viver novamente.

Com todo o meu amor,
Amélia

CAPÍTULO 13

Os dias em Lyon passaram a ser uma mistura de descobertas e desafios. Enquanto eu explorava a cidade, conhecia novas pessoas e aprendia a cada dia como lidar com a dor, mas uma coisa ainda me incomodava: eu não havia criado um vínculo com a Chloe. O peso da perda da minha mãe ainda me acompanhava, e eu não conseguia evitar o ressentimento que sentia em relação a ela. A ideia de que alguém poderia ocupar o espaço que era apenas de minha mãe era dolorosa demais.

Mas, em uma tarde, algo começou a mudar. Meu pai havia planejado um jantar em família, e eu sabia que Chloe tentaria puxar assunto comigo. Com a expectativa de um clima desconfortável pairando no ar, decidi me preparar mentalmente. Eu estava relutante, mas uma parte de mim também queria entender quem ela realmente era.

Durante o jantar, à medida que conversávamos sobre trivialidades, eu a observei com mais atenção. Chloe tinha um brilho nos olhos e um sorriso caloroso que parecia genuíno. Enquanto conversávamos, percebi que

havia mais naquela mulher do que eu inicialmente supunha. Ela não era apenas "a nova esposa do pai"; ela tinha suas próprias histórias, medos e sonhos.

Depois do jantar, enquanto ajudávamos a limpar a mesa, Chloe puxou conversa.

— Amélia, posso falar com você por um momento? — Seu tom era suave, mas havia um toque de nervosismo em sua voz. Acenei, um pouco hesitante, mas curiosa. Fomos para o sofá da sala, onde o ambiente estava tranquilo e iluminado apenas pela luz suave da lâmpada.

— Eu sei que você pode me ver apenas como a mulher que entrou na sua vida após a sua mãe — Começou ela, olhando nos meus olhos com sinceridade. — Mas eu quero que você saiba que não estou aqui para substituir ninguém. Não sou a sua mãe, e nunca vou ser. Estou apenas tentando me encontrar neste novo papel.

As palavras dela penetraram em mim, e pela primeira vez, vi Chloe não como uma intrusa, mas como alguém que também estava tentando navegar em águas desconhecidas. Eu pude ver a vulnerabilidade em seu olhar, e isso despertou algo dentro de mim.

—Eu só... eu sinto falta dela. — Consegui dizer. — E é difícil ver você aqui, em uma casa nova, com meu pai.

Chloe assentiu, seus olhos se suavizando.

—Eu não posso imaginar a dor que você deve sentir. Perder alguém que amamos é uma das experiências mais difíceis que podemos enfrentar. Mas eu quero que você saiba que eu estou aqui para você, se você me deixar entrar. Não estou tentando tomar o lugar da sua mãe. Só quero construir um espaço onde possamos compartilhar momentos juntos, se você estiver disposta.

Suas palavras me tocaram profundamente. Eu percebia que, assim como eu, ela carregava seus próprios medos. Medos de ser rejeitada, de não ser aceita, de nunca conseguir se conectar com uma adolescente que estava lidando com a perda de sua mãe. A verdade era que ambas éramos estranhas uma para a outra, ligadas pelo meu pai, mas também por um passado que nos moldou de maneiras diferentes.

A conversa fluiu de forma mais natural a partir daquele momento. Fui capaz de compartilhar algumas das memórias que mais

amava sobre minha mãe — suas risadas, o jeito como fazia o melhor bolo de chocolate do mundo e as histórias que contava antes de dormir. Chloe ouvia atentamente, seus olhos brilhando de interesse.

— Ela parecia ser uma mulher incrível.
— Chloe disse, e eu notei um toque de admiração em sua voz. — Eu adoraria conhecer mais sobre ela através de você.

À medida que conversávamos, algo começou a mudar dentro de mim. Eu estava finalmente começando a ver Chloe como uma pessoa real, não como um obstáculo em minha vida, mas como alguém que poderia ser uma aliada. É claro que a dor da perda da minha mãe ainda estava presente, mas, talvez, abrir espaço para minha madrastra em minha vida não significasse esquecer minha mãe. Seria apenas uma nova forma de amor.

— Eu ainda estou me adaptando, mas eu adoraria ter você como parte da minha vida, se você também quiser.

O sorriso que se espalhou pelo rosto de Chloe foi como um raio de sol em um dia nublado.

— Isso significaria muito para mim, Amélia. Vamos dar um passo de cada vez, ok?

A partir daquele dia, um novo tipo de relacionamento começou a se formar entre nós. Chloe começou a compartilhar suas próprias experiências e histórias e, com o tempo, eu percebi que poderia encontrar conforto na companhia dela, mesmo que isso levasse tempo. Aceitá-la em minha vida não apagaria a memória da minha mãe, mas começaria a criar um novo espaço para o amor e a compreensão. E, mesmo que o caminho ainda fosse longo, aquele passo em direção à aceitação foi, sem dúvida, um dos mais significativos que eu poderia dar.

CAPÍTULO 14

A minha vida começou a se misturar com cores e sons vibrantes. De repente, uma mudança começou a acontecer dentro de mim. A ideia de fazer amigos não parecia tão assustadora quanto antes; na verdade, havia um pequeno brilho de esperança que começava a acender em meu coração.

Na escola, eu sentia que as coisas estavam mudando. Lembro-me de um dia específico, quando Olivier me convidou para uma exposição de fotografia local que aconteceria em um galpão desativado no centro da cidade. Ele disse que seria uma ótima oportunidade para conhecer não apenas o talento de fotógrafos da região, mas também para ver Lyon sob uma nova perspectiva. Relutante, eu quase recusei o convite, mas a curiosidade e a vontade de sair de casa me levaram a aceitar.

Quando chegamos, o ambiente era vibrante e acolhedor. O espaço era amplo, com luz natural entrando por janelas enormes, criando um jogo de sombras e iluminações que

realçava as obras expostas. As fotografias retratavam momentos do cotidiano, paisagens urbanas e retratos de pessoas, cada uma contando uma história única. Eu fiquei fascinada, perdida entre as imagens que pareciam capturar a essência da cidade.

Olivier notou minha admiração e começou a me explicar algumas das técnicas que os fotógrafos usavam.

—A fotografia é mais do que apenas capturar uma imagem. — Ele disse, com um brilho nos olhos. — É sobre contar uma história. Cada foto é um momento congelado no tempo, uma memória que podemos revisitar sempre que olhamos para ela. Seu entusiasmo era contagiante, e eu me senti cada vez mais envolvida na conversa.

—Amélia? — Tomei um susto, era meu pai. Quando pedi para vir, Jean me disse que ele estaria aqui, mas pensei que era brincadeira.

—Oi, pai. Esse é meu amigo, Olivier. Ele também é fotógrafo.

—Muito prazer, Olivier. Quem sabe possamos trabalhar juntos um dia? Bom, queria ficar para conversar, mas o dever me chama. Aproveitem a exposição.

Depois, meu amigo me levou até uma foto em particular — um retrato de um idoso sentado em um café, com um olhar pensativo.

— Tá vendo como a luz incide sobre o rosto dele? É como se a fotografia estivesse nos dizendo algo sobre sua vida, sobre as histórias que ele carrega. Isso é o que eu mais amo na fotografia: a capacidade de capturar emoções e narrativas em um único clique.

Enquanto ele falava, percebi que a paixão de Olivier pela fotografia era semelhante à minha e a da minha mãe pela escrita. Ele tinha uma forma de ver o mundo que me inspirava.

— Você deveria tentar fotografar também, Amélia. Não precisa ser nada sério, apenas capture momentos que sejam importantes para você. Isso pode ser uma maneira de expressar o que está sentindo. — Ele sorriu, e eu pude ver que ele realmente se importava.

Seguindo seu conselho, peguei meu celular e comecei a tirar algumas fotos. Capturei uma flor que estava florescendo em um canto, um grupo de amigos rindo e compartilhando momentos, e até mesmo um canto do galpão que estava cheio de luz e sombras. A experiência era nova e refrescante. Em cada clique,

eu me sentia mais conectada não apenas ao lugar, mas também a mim mesma.

Depois de explorarmos a exposição, Olivier me levou a um café acolhedor que ele costumava frequentar. O aroma do café fresco invadiu nossos sentidos assim que entramos e a atmosfera era tranquila, perfeita para mais conversas. Sentamos em uma mesa perto da janela e Olivier pediu duas xícaras de chocolate quente. Ele começou a me contar sobre como a fotografia o ajudou a lidar com a saudade de sua avó.

— Quando me sinto sozinho ou perdido, pego minha câmera e saio para explorar. Capturar algo belo me lembra que ainda há muito para descobrir, mesmo quando as coisas parecem difíceis. — Ele compartilhou, e seu olhar refletia a paixão que tinha por seu hobby.

Enquanto falava, eu não pude deixar de me sentir grata por ter a amizade de alguém como ele. Ele me mostrava não apenas a beleza da cidade, mas também a beleza das conexões humanas. Olivier me encorajava a abrir meu coração, a permitir que novas experiências e amizades entrassem na minha vida, mesmo em meio à dor.

Aquele dia não era apenas sobre fotografias ou chocolate quente; era sobre recomeçar. Eu percebia que, ao lado de Olivier e dos novos amigos que estava fazendo, estava construindo uma nova vida em Lyon, uma vida onde a saudade da minha mãe coexistia com momentos de alegria e descoberta. Estava me permitindo viver, em vez de apenas sobreviver.

Conforme o dia se transformava em noite, a cidade iluminava-se com luzes suaves e estrelas cintilantes. Eu olhei pela janela do café e pensei que, apesar da dor que ainda carregava, havia espaço para novas memórias. E, enquanto continuava a trilhar meu caminho em Lyon, uma nova Amélia estava se formando — uma Amélia que reconhecia a dor, mas que também estava disposta a abraçar a vida e tudo o que ela tinha a oferecer.

Quando cheguei em casa, por volta de umas 17 horas, decidi ligar em chamada de vídeo para Lia. A vida estava correndo tanto que mal dava tempo de conversar com ela.

— Oi, sumida! Esqueceu que tem melhor amiga? Tô achando que vou ter que virar a Emily em Paris pra te ver.

—Dramática. Tenho muita coisa para te contar, tá com tempo?

—Para a minha melhor amiga, tenho todo o tempo do mundo.

Contei para ela sobre tudo: minha briga e reconciliação com meu pai, como eu e Chloe somos parecidas, minha amizade com Olivier, como eu tenho lidado com a dor... a ligação durou algumas horas, ela me atualizou de como estavam sendo as coisas no Brasil. Eu sentia muita saudade da minha vida antiga, mas não me arrependo de ter dado uma chance para essa cidade.

CAPÍTULO 15

Com o passar das semanas em Lyon, a ideia de que eu poderia realmente me adaptar e me sentir em casa começou a se consolidar. A cidade estava se revelando para mim em camadas — cada rua, cada café e cada novo amigo que fazia me oferecia uma nova perspectiva sobre o que significava viver naquele lugar. Mas havia algo que eu também precisava explorar: minha própria identidade.

Sentada em meu quarto, olhei pela janela e vi o céu se tingindo de laranja com o pôr do sol. Era um lembrete de que, apesar de todas as mudanças, algumas coisas permaneciam constantes e belas. Decidi que precisava começar a registrar o que sentia, além das cartas, e o melhor jeito de fazer isso era escrevendo. A escrita sempre foi uma forma de libertação para mim, um espaço seguro onde eu poderia despejar minhas emoções e reflexões.

Pulei da cama e peguei meu diário, um presente da minha mãe que eu havia guardado com carinho. As páginas estavam em

branco, mas não por muito tempo. Comecei a escrever sobre tudo que tinha vivido nos últimos dias: as risadas com novas amizades, e até mesmo os momentos de saudade que ainda me acompanhavam. Cada palavra que fluía da minha caneta parecia uma liberação, uma maneira de processar tudo o que estava acontecendo dentro de mim.

No dia seguinte, eu estava particularmente animada, pois Olivier havia sugerido que fizéssemos um passeio até o famoso Marché de la Croix-Rousse de Lyon. Ele me prometeu que seria uma explosão de cores, cheiros e sabores, e eu mal podia esperar para ver tudo isso com meus próprios olhos. Ao chegarmos, fui imediatamente envolvida por uma sinfonia de sons e aromas: frutas frescas, pães quentes, queijos variados e especiarias de todos os tipos.

Enquanto caminhávamos entre as barracas, Olivier me contava sobre as tradições culinárias da região. Ele falava com tanta paixão que era impossível não me deixar contagiar.

— A comida é uma das melhores formas de conhecer uma cultura. — Ele dizia, apon-

tando para um queijo que estava sendo cortado em fatias generosas. — Cada prato tem uma história, e cada ingrediente é um pedaço da identidade das pessoas que vivem aqui.

—A culinária daqui pode até ser boa, mas que saudade de um tempero brasileiro, viu.

—Realmente, não existe comida melhor que a do Brasil. — Ele concordou.

Fui me envolvendo cada vez mais naquele ambiente. As cores vibrantes das frutas, os sorrisos dos vendedores e as risadas dos clientes criavam uma atmosfera calorosa que me fazia sentir parte de algo maior. Olivier me convidou a experimentar algumas iguarias locais, e cada mordida era uma nova descoberta. O queijo de cabra derretia na boca, enquanto a torta de pêra era doce e reconfortante. Senti que cada sabor me conectava mais a Lyon, enquanto minha saudade do Brasil se misturava com novas experiências.

Depois de nos enchermos de delícias, Olivier sugeriu que encontrássemos um lugar tranquilo para sentar e descansar. Assim, fomos até uma pequena praça cercada por árvores. Sentamos em um banco e observamos as pessoas que passavam, cada uma com suas

próprias histórias e rotinas. Olivier, então, puxou sua câmera e começou a tirar fotos da cena, capturando os sorrisos, os gestos e as interações ao nosso redor.

— Amélia, você já pensou em como a fotografia e a escrita são semelhantes? — Ele perguntou, enquanto ajustava a lente. — Ambas são maneiras de contar histórias e registrar momentos importantes. Você pode usar suas palavras para capturar o que sente, assim como eu faço com a câmera.

— Você tem razão. A arte é sempre a melhor forma de expressão.

Ele estava certo. Naquele momento, percebi que tanto a fotografia quanto a escrita eram formas de expressão que me permitiam explorar minha identidade. Como uma jovem brasileira vivendo em Lyon, eu tinha uma história única para contar. Era hora de reconhecer isso e permitir que minha voz ecoasse através das páginas do meu diário.

Voltamos para casa naquela tarde com sorrisos no rosto e o coração leve. Assim que cheguei, corri para o meu quarto e escrevi sobre o dia. Escrevi sobre o mercado, sobre os sabores que tinha experimentado e sobre

como as palavras de Olivier ressoavam em minha mente. Aquela experiência se tornaria uma memória preciosa que eu guardaria para sempre.

Conforme os dias se transformavam em semanas, continuei a escrever. Comecei a criar pequenas narrativas sobre minha vida em Lyon, explorando a mistura das minhas raízes brasileiras com a nova cultura que estava descobrindo. Cada palavra que eu escrevia me fazia sentir mais forte, mais confiante, e menos perdida.

Minha identidade estava se moldando de formas que eu nunca imaginei. Eu era Amélia, a mesma de sempre, mas também era uma nova versão de mim mesma — uma garota que estava aprendendo a encontrar sua voz em um mundo desconhecido. E, enquanto explorava minha nova cidade, também estava explorando as profundezas do meu ser.

Com cada página escrita, eu percebia que, mesmo em meio à dor e à saudade, havia um espaço crescente para a esperança e a autodescoberta. O passado ainda me acompanhava, mas agora eu tinha o poder de moldar

meu futuro. E essa nova jornada estava apenas começando. Percebi que fazia tempo que não escrevia uma carta para minha mãe e essa era a hora perfeita.

Querida mamãe,

Hoje eu senti uma vontade imensa de te escrever. Às vezes, me pergunto se você ainda está me ouvindo, se pode sentir tudo o que estou vivendo aqui em Lyon. As coisas têm sido desafiadoras, mas também cheias de pequenas descobertas que eu gostaria de compartilhar com você.

Sabe, fui ao *Marché de la Croix-Rousse* com o Olivier. Ele me levou a conhecer esse lugar incrível, onde os cheiros e as cores se misturam de uma forma que é difícil descrever. Frutas frescas, queijos deliciosos, pães quentes... eu me perdi em tudo isso, e, ao mesmo tempo, me encontrei. A comida aqui tem uma história e cada sabor é uma nova descoberta, como um pedaço de uma cultura diferente.

Olivier tem me mostrado Lyon de um jeito que eu nunca pensei que seria possível.

Ele é apaixonado por fotografia e me ensinou a ver a cidade através de uma lente diferente. Quando ele tira fotos, captura emoções, momentos e histórias e isso me fez perceber que, assim como ele, eu também posso contar minha história, mas com palavras. Estou começando a escrever em um diário todos os dias, e cada página me faz sentir mais forte e conectada a quem eu sou.

A saudade ainda é uma companheira constante, mas a cada dia que passa, sinto que posso integrar essa saudade à minha nova vida. Estou aprendendo que está tudo bem sentir dor e alegria ao mesmo tempo. Escrever me ajuda a processar tudo isso e a encontrar meu lugar neste novo mundo. Eu quero que você saiba que, mesmo longe, você sempre será parte de mim.

Às vezes, me pego lembrando de você, das conversas que tivemos sobre sonhos e sobre a vida. Eu sinto que, de certa forma, você ainda está comigo, me guiando nas decisões que tomo. Espero que você esteja orgulhosa de mim, porque estou tentando viver da melhor forma possível e honrar tudo o que você me ensinou.

Por agora, vou continuar explorando e descobrindo. Estou me permitindo sentir e viver plenamente, mesmo com toda a saudade que carrego. E, quem sabe um dia, poderei compartilhar essas histórias com você de uma forma que me faça sentir que você está aqui, bem ao meu lado. Você é a minha memória inconsolável.

Com o melhor que existe em mim,
Amélia

CAPÍTULO 16

O primeiro aniversário da minha mãe chegou de forma silenciosa, como um sussurro no meio do barulho da vida cotidiana em Lyon. Já se passaram meses desde a sua morte. Eu não estava preparada para a carga emocional que esse dia traria. No fundo da minha mente, havia uma sensação de que essa data seria um divisor de águas — um momento em que eu teria que confrontar minha dor e, ao mesmo tempo, celebrar a vida dela.

Na manhã do aniversário, acordei cedo, muito antes do sol nascer. A luz suave do amanhecer filtrava-se pela janela e eu me levantei, sentindo uma mistura de tristeza e nostalgia. Minha cabeça estava cheia de lembranças e o primeiro pensamento que veio foi o sorriso da minha mãe, sempre tão caloroso e acolhedor. Lembrei-me de como ela costumava me acordar com uma canção suave, me envolvendo em seus braços como se o mundo lá fora não existisse.

Decidi que precisava fazer algo especial em homenagem a ela. Senti que não poderia

simplesmente deixar o dia passar como qualquer outro. Peguei meu diário e escrevi uma carta, não para enviar, mas para expressar tudo que estava sentindo.

Falei sobre a saudade, sobre como eu sentia falta do seu toque, da sua risada e das histórias que ela sempre contava.

Depois de escrever, uma ideia surgiu em minha mente. Eu queria visitar um lugar que tinha significado especial para nós duas. Lembrei-me de um pequeno jardim que costumávamos frequentar no Brasil, cheio de flores coloridas e árvores frondosas. Infelizmente, não poderia ir lá fisicamente, mas pensei em encontrar um jardim aqui em Lyon que pudesse me trazer um pouco daquela sensação de paz.

Então, liguei para Olivier e compartilhei o que estava planejando. Ele, imediatamente, se ofereceu para me acompanhar, e sua presença era exatamente o que eu precisava. Combinamos de nos encontrar no Parque da Tête d'Or, um dos maiores e mais bonitos parques da cidade. Ao chegar lá, fui recebida pelo perfume das flores e o canto dos pássaros e uma onda de nostalgia me envolveu.

Andamos juntos pelo parque, e Olivier percebeu que eu estava perdida em pensamentos.

— Você quer falar sobre isso? — Ele perguntou, gentilmente. Eu hesitei, mas sabia que ele era um amigo de verdade, alguém que se importava.

— Hoje é o aniversário da minha mãe. — Confessei, a voz embargada. — E eu não sei como lidar com isso.

Olivier ficou em silêncio por um momento, respeitando meu espaço. Então, ele sugeriu que fizéssemos algo simbólico. Encontramos um lugar tranquilo perto do lago, rodeado de flores que pareciam dançar com o vento. Ele sugeriu que escrevêssemos algo em uma folha de papel e a colocássemos na água, como uma forma de homenagear minha mãe.

Com a ajuda dele, escrevi algumas palavras que saíram do fundo do meu coração, expressando meu amor, minha saudade e minha gratidão por tudo que ela tinha sido para mim. Assim que terminamos, olhei para o lago, que refletia a luz do sol e coloquei a folha na água. Observei enquanto ela flutuava lentamente, como se estivesse em uma jornada.

— Ela está em um lugar bonito agora. — Olivier disse suavemente. — E você sempre poderá manter a memória dela viva aqui. — Ele gesticulou, apontando para o coração.

Eu sorri através das lágrimas. Naquele momento, percebi que podia celebrar a vida da minha mãe, mesmo enquanto lidava com minha dor. A saudade ainda estava ali, mas também havia um espaço para a gratidão e a lembrança das boas memórias que tínhamos juntas.

Depois de alguns instantes, Olivier começou a falar sobre a importância de valorizar cada momento, assim como a fotografia.

— Assim como capturamos imagens, devemos capturar memórias em nossos corações. — Ele disse isso e suas palavras ressoaram dentro de mim. Senti que minha mãe estava, de alguma forma, presente naquele instante — em todas as memórias que eu carregava e nas lições que me ensinou.

Passou um tempo e decidi que deveria voltar para casa. Eu sabia que meu pai e Chloe estariam lá e que, de alguma forma, também precisavam lidar com a ausência da minha mãe. Me despedi do meu amigo e agradei

muito por tudo que ele vinha fazendo por mim.

Ao chegar em casa, encontrei Jean e minha madrastra na cozinha, ambos com expressões sérias. Meu pai estava preparando um jantar simples, enquanto Chloe com um olhar solidário, organizava as flores em um vaso.

— Oi, Amélia. — Ele disse, tentando esconder a tristeza em sua voz. — Eu... eu sei que hoje é um dia difícil. — Ele hesitou e eu vi a luta em seu olhar.

— Decidi fazer um jantar em homenagem a sua mãe. — Chloe acrescentou, olhando para mim com uma expressão de compreensão. — Mesmo que eu não a conhecesse bem, sei que ela era uma mulher incrível.

Senti uma onda de emoções ao ouvir suas palavras. Olhando para ela, percebi que ela não estava tentando substituir minha mãe; ela estava apenas tentando se conectar, mesmo em meio à dor.

— Obrigada, Chloe e pai. Isso significa muito para mim. — Respondi, sentindo a sinceridade em sua voz.

Durante o jantar, compartilhei algumas das memórias que escrevi em minha carta. Falei sobre como minha mãe adorava cozinhar e como suas receitas eram sempre uma mistura de amor e alegria. Jean e Chloe ouviram atentamente, e pude ver a dor refletida em seus olhos. Nesse momento, a mesa se tornou um espaço de conexão, onde todos nós pudemos compartilhar nossa saudade.

Depois da refeição, decidimos acender uma vela em memória da minha mãe. Enquanto a chama dançava, eu sussurrei algumas palavras, agradecendo por tudo que ela foi e por tudo que ainda significava para mim. Meu pai, com a voz embargada, disse:

—Ela sempre estará em nossos corações, não importa onde estejamos.

Saí do jantar com uma sensação de leveza que não esperava. O dia foi difícil, mas também foi um lembrete de que eu não estava sozinha. Havia amor e compreensão ao meu redor, mesmo que a ausência da minha mãe fosse palpável. Aprendi que a dor e a alegria podem coexistir e, que, embora o luto seja um caminho solitário, existem momentos em que podemos encontrar consolo uns nos outros.

Antes de dormir, Lia me ligou para saber como foi o dia e como eu estava me sentindo. Ela sabia que, mesmo que minha mãe tenha partido há meses, o aniversário dela era muito importante pra mim. Conversamos muito e eu sugeri que ela viesse me visitar logo, já que tinha um feriadão chegando no Brasil e meu aniversário também. Ela falou que ia pedir para a mãe dela e depois nos despedimos.

Aquele dia não foi apenas um lembrete da minha perda, mas também uma celebração da vida que minha mãe viveu. Uma vida feliz, que valeu a pena. Fui dormir com uma sensação renovada. Eu estava aprendendo a conviver com a dor e, ao mesmo tempo, a encontrar beleza nas pequenas coisas e, quem sabe, talvez um dia eu pudesse compartilhar essas histórias com ela de uma forma que mostrasse o quanto eu estava viva e grata por tudo que vivemos juntas.

Querida mamãe,

Hoje é o seu primeiro aniversário que comemoro sem você e a dor dessa perda ainda

pesa em meu coração. Eu acordei cedo, muito antes do sol nascer, e uma onda de lembranças invadiu minha mente. O calor do seu sorriso, o toque suave das suas mãos e as risadas que compartilhamos parecem tão distantes, mas ainda tão presentes.

Neste dia especial e doloroso, eu senti a necessidade de fazer algo significativo para honrar sua memória. Decidi que precisava visitar um lugar que me lembrasse dos momentos felizes que vivemos juntas. Embora eu não possa estar no Brasil, procurei um jardim bonito aqui em Lyon e, por sorte, Olivier me acompanhou, como um verdadeiro amigo, disposto a me apoiar nesse dia difícil.

Quando chegamos ao Parque da Tête d'Or, senti uma mistura de tristeza e esperança. O parque é lindo, cheio de flores vibrantes e árvores que dançam ao vento, quase como se estivessem me abraçando. Andamos pelo parque, e eu não pude evitar de lembrar de como você adorava a natureza. Era um lugar onde nós duas poderíamos nos perder por horas, falando sobre tudo e nada ao mesmo tempo.

Olivier, percebendo meu silêncio, gentilmente me perguntou se eu queria compartilhar o que estava sentindo. Foi então que, entre lágrimas, contei a ele sobre a saudade que sempre carrego, sobre como o seu aniversário é um lembrete da dor que sinto. Mas ele me trouxe um conforto inesperado ao sugerir que fizéssemos algo simbólico. Escrevemos mensagens em folhas de papel e as colocamos na água, como uma forma de libertar nossos sentimentos e homenagear sua vida.

Enquanto a folha flutuava, eu pensei em todas as memórias que construímos juntas — as histórias que você contava, os conselhos que me deu, os abraços que sempre me faziam sentir segura. No fundo do meu coração, percebo que você continua presente em cada passo que dou.

Em casa, meu pai e Chloe fizeram um jantar em sua homenagem e eu percebi que todos que te conheceram, cuidam em manter a sua memória viva

Obrigada por tudo que você foi e sempre será para mim. Eu sinto que, de alguma forma, você está comigo, me guiando em minha jornada e eu prometo continuar vivendo

da melhor maneira possível, honrando sua
memória em cada passo que dou.

Com todo o meu amor,
Amélia

CAPÍTULO 17

Em uma certa noite da semana seguinte, o silêncio da casa me deixava inquieta. Meu pai estava lá fora, na varanda, sozinho, olhando para o céu como quem procura respostas em estrelas que nem estão mais lá. Por um momento, fiquei parada na porta, observando-o à distância. Era estranho: a imagem dele parecia distante e próxima ao mesmo tempo. Com a respiração curta, peguei uma caneca de chá e decidi me aproximar. Precisava quebrar aquele silêncio, nem que fosse aos poucos. Não dava mais para carregar sozinha o peso que vinha apertando meu peito. Mesmo que tivéssemos nos resolvido desde aquela briga, havia coisas que ainda queríamos dizer.

— Posso sentar? — Perguntei com a voz baixa.

Jean virou-se para mim, visivelmente surpreso. Seus olhos cansados me encararam por um segundo, mas ele apenas acenou com a cabeça e empurrou a cadeira ao lado. Sentei devagar e puxei os joelhos contra o peito, ten-

tando achar conforto naquele espaço apertado entre nós dois. Ele não disse nada de imediato, e o som do vento nos rodeava como um lembrete de tudo o que estava guardado e não dito.

Ficamos assim, em silêncio, até ele suspirar fundo, como se finalmente estivesse desistindo de fugir da conversa.

— Amélia... eu sei que fui um péssimo pai. — Ele começou, sua voz mais baixa do que o habitual. — Quando fui embora para a França, achei que estava fazendo o melhor para nós. Mas agora eu entendo que te deixei sozinha quando você mais precisava de mim.

Aquelas palavras perfuraram a barreira que eu vinha mantendo firme há meses. Sempre imaginei que ele não se importava o suficiente, que a distância era só a prova de que eu não era prioridade.

— Eu achava que você estava feliz aqui, sabe? — Murmurei, sentindo a garganta apertada. — Como se sua nova vida fosse mais importante que a gente. Quando você foi embora, eu me senti esquecida, como se não fizesse mais parte do seu mundo.

Ele esfregou o rosto com as mãos, um gesto de cansaço misturado com arrependimento.

— Eu falhei com você, Amélia. — A voz dele tremeu um pouco, mas ele continuou. — Não foi só você que se sentiu abandonada. Eu também me perdi. Não sabia como ser pai de longe. E quando a sua mãe... — Ele parou por um instante, como se a palavra "morte" ainda fosse pesada demais para ser dita em voz alta. — Quando tudo aconteceu, eu percebi que tinha feito tudo errado. E a culpa... a culpa me sufocou.

Aquela admissão me pegou de surpresa. Passei tanto tempo acreditando que ele não ligava, que nunca me passou pela cabeça que ele também estivesse carregando um fardo.

— Eu não sabia que você se sentia assim... — sussurrei.

Ele me olhou, os olhos carregados de uma tristeza que eu nunca tinha notado antes.

— E eu não sabia como falar com você. — Ele deu um sorriso cansado. — Ainda não sei direito, mas estou tentando, filha. Quero fazer isso dar certo, mesmo que a gente tenha que começar do zero.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas, mas dessa vez não eram só de tristeza. Havia algo novo ali: um começo, uma fagulha de esperança. Pela primeira vez, parecia que meu pai estava tentando se conectar de verdade, sem máscaras ou formalidades.

— Eu também quero tentar — falei, enxugando as lágrimas antes que ele pudesse vê-las.

Ele estendeu a mão, hesitante, e eu a segurei por um instante. Não era um gesto grandioso, mas era o suficiente. Estávamos longe de resolver todas as nossas mágoas, mas aquilo era um começo.

Quando finalmente me levantei para ir dormir, ele me chamou de volta.

— Chloe e eu estamos pensando em fazer alguma coisa no próximo feriado. Alguma sugestão? — Perguntou, com um sorriso tímido.

Aquilo era inesperado. Meu pai não era exatamente o tipo de pessoa que pedia minha opinião sobre algo. Eu dei de ombros, tentando disfarçar a surpresa.

— Vou pensar — respondi, com um sorriso leve. No quarto, enquanto processava a

conversa, meu celular vibrou. Era uma chamada de vídeo da Lia.

— Finalmente! — Ela sorriu do outro lado da tela, o cabelo bagunçado e uma camiseta do colégio que nós duas costumávamos usar juntas. — Como tá a vida por aí, hein?

Suspirei, mas desta vez sem aquele peso que costumava me sufocar.

— Acho que as coisas com meu pai estão... melhorando. A gente conversou hoje. Pela primeira vez, ele disse que entende o quanto me deixou sozinha. E sabe? Eu acho que ele realmente quer tentar consertar as coisas.

Lia sorriu, com aquele jeito caloroso que sempre me fazia sentir como se estivesse de volta ao Brasil, mesmo estando do outro lado do mundo.

— Eu te falei que com o tempo tudo ia se ajeitar, não falei? Só precisava de paciência.

Revirei os olhos, mas ri. — É, você tinha razão... dessa vez.

— Claro que tinha! — Ela riu, e por um momento, era como se nada tivesse mudado entre nós. — E aquele amigo seu? Como tá o Olivier?

Eu sorri, tentando esconder o quanto ele já se tornara importante para mim.

— Ele tá bem. A gente saiu hoje. Foi incrível, Lia. Ele me levou para conhecer uma galeria escondida e me contou um monte sobre fotografia. É meio maluco pensar que eu tô começando a gostar desse lugar, sabe?

Lia fez um gesto exagerado de surpresa.
— Não acredito! A Amélia que odiava Lyon finalmente gostando da cidade? Milagre!

Nós duas rimos e, por um instante, tudo parecia um pouco mais leve.

— Ei, não importa onde você esteja, você ainda é a minha melhor amiga, tá? — Lia disse, de repente, mais séria. — Não esquece disso.

Senti meu coração apertar, mas dessa vez não era só de saudade. Era de gratidão por ainda ter ela na minha vida, mesmo que a distância tentasse nos separar.

— Nunca vou esquecer, Lia. Nunca.

Depois que desliguei, deitei na cama e olhei para o teto escuro do quarto. Pela primeira vez desde que cheguei, não me sentia completamente perdida. As coisas com meu pai estavam longe de serem perfeitas, mas agora havia espaço para esperança. Eu estava

começando a entender que, mesmo em meio à dor, era possível encontrar momentos de alegria — e que seguir em frente não significava esquecer.

Fechei os olhos e, antes de dormir, pensei na minha mãe. Onde quer que ela estivesse, eu esperava que ela soubesse que, aos poucos, eu estava aprendendo a viver de novo.

CAPÍTULO 18

Depois daquela conversa com meu pai, algo mudou entre nós. Não foi como se, de repente, tudo se encaixasse ou os anos de distância e mágoa desaparecessem. Mas algo dentro de mim amoleceu, e talvez dentro dele também. No dia seguinte, ele bateu na porta do meu quarto com uma xícara de chá nas mãos.

— Posso entrar? — Perguntou, meio hesitante.

Eu apenas assenti. Era um gesto pequeno, mas significativo. Sentar e tomar chá juntos se tornou uma espécie de ritual. Não falávamos sobre coisas profundas todas as vezes — às vezes, só ficávamos ali, em silêncio e, de alguma forma, isso já era suficiente.

Chloe também mudou. Agora, ela havia se tornado uma grande amiga e conselheira. Um dia, ela me convidou para ajudá-la a cozinhar e acabamos rindo juntas porque queimei metade dos pães.

Não era perfeito, mas nada precisava ser perfeito para funcionar. Meu coração não es-

tava mais preso à ideia de como as coisas "deviam" ser. Aos poucos, fui aceitando que essa era a minha vida agora, com suas imperfeições e surpresas. E estava tudo bem.

Então, um dia, Lia me ligou e perguntou se podia vir me visitar. Eu já sabia o que iria fazer no próximo feriado.

— Sério? Você viria até aqui? — Perguntei, surpresa, apertando o celular com força.

— Claro, né, Amélia! Já estou de férias e morrendo de saudade. Não dá mais para ficar só no WhatsApp e chamadas de vídeo. Quero ver você pessoalmente, explorar Lyon e te abraçar!

O sorriso no meu rosto apareceu antes mesmo de eu perceber. Era o tipo de coisa que Lia faria — surgir na minha vida exatamente no momento certo, como sempre.

A partir daquele telefonema, eu comecei a contar os dias. Meu pai e Chloe ficaram animados com a visita, e até Olivier parecia empolgado para conhecer a "melhor amiga brasileira". E, mais do que tudo, eu estava pronta para compartilhar essa parte da minha vida com alguém que conhecia a antiga Amélia melhor do que ninguém.

No dia em que Lia chegou, eu mal podia conter a ansiedade. Quando finalmente a vi saindo pelo portão de desembarque, com o cabelo amarrado de qualquer jeito e uma mala maior que ela, corri para abraçá-la, e todo aquele tempo separadas desapareceu. Como se estivéssemos retomando uma conversa que nunca havia terminado.

— A MELHOR AMIGA DO MUNDO CHEGOU! — Ela gritou, largando a mala no chão e correndo em minha direção.

— LIAAAAA! — Eu gritei de volta, e nos abraçamos tão apertado que parecia que todo o tempo e a distância entre nós tinham desaparecido.

— Não acredito que tô aqui! — Ela disse, com os olhos brilhando. — Cara, isso tá muito surreal!

Eu ri, segurando as lágrimas. — Nem acredito que você conseguiu vir. Isso é... é surreal mesmo!

Pegamos um táxi para casa e no caminho, Lia não parava de falar — como sempre. Ela me contou sobre a escola no Brasil, as focas mais recentes, as coisas que mudaram e as que continuaram exatamente iguais. Pela primeira vez, escutar sobre a minha antiga

vida não me deixava triste. Era como se eu pudesse carregar aquilo comigo, sem o medo de perder quem eu fui.

— Você não acredita! A Raíssa começou a namorar o Felipe, aquele que sempre dizia que era "só amigo". — Ela fez aspas no ar e revirou os olhos, me fazendo rir.

Chegar em casa com Lia foi outra surpresa. Meu pai e minha madrastra a receberam de braços abertos. Mesmo meio tímido, Jean tentou ser simpático. Chloe, com sua delicadeza de sempre, se mostrou genuinamente feliz por me ver com a amiga.

— Seja bem-vinda, Lia! — Chloe sorriu, e Lia retribuiu com seu jeito carismático.

— Obrigada! Prometo não causar muitos estragos... Só alguns! — brincou, arrancando risadas da sala toda.

Durante o jantar, Jean comentou, sorrindo:

— Amélia nunca falava tanto da cidade antes. Agora, mal consigo acompanhá-la quando começa a falar dos passeios e das aulas.

— Ah, é que a cidade me conquistou aos poucos, pai — Respondi, com um brilho nos olhos.

Em determinado momento, Chloe sugeriu um brinde:

— A gente pode brindar às duas culturas em uma só mesa, França e Brasil em perfeita harmonia!

Foi ali que percebi: pela primeira vez em muito tempo, eu estava feliz por ter todas essas pessoas juntas na mesma casa. É claro que faltava a minha mãe ali, rindo conosco, mas ela ficaria feliz em nos ver assim.

Passamos os dias seguintes explorando a cidade juntas. Levei Lia aos meus lugares favoritos: a Vieux Lyon, as sorveterias escondidas e a basílica de Fourvière. Mas também quis mostrar um pouco do que Lyon significava para mim agora. Ela precisava entender como eu estava mudando e como a cidade fazia parte disso. Foi estranho perceber o quanto eu já conhecia da cidade — os cafés escondidos, os lugares tranquilos à beira do rio, e as livrarias que Olivier tinha me apresentado.

— Menina, você virou uma local! — Lia provocou enquanto tirava uma selfie nossa na frente da Basilique Notre-Dame de Fourvière.

— Nem tanto. — Dei de ombros, mas era bom perceber que, de certa forma, Lyon já começava a parecer um lar.

Olivier também entrou na onda. Quando Lia o viu, me lançou um olhar cúmplice. Eu sabia exatamente o que aquela doida estava pensando, então apenas revirei os olhos e sorri. No segundo dia, nós três saímos juntos para explorar uma parte mais moderna da cidade, perto da Confluência, onde o Saône e o Rhône se encontram. Ele trouxe a câmera — claro — e passou o tempo todo explicando para Lia suas teorias sobre enquadramento e luz.

— A fotografia é um jeito de capturar momentos que nunca mais vão se repetir — ele disse, ajustando a lente da câmera enquanto olhava para nós. — É como se fosse a memória congelada de um segundo.

— Filosófico, hein? — Lia provocou, dando um empurrãozinho nele.

— Tô treinando para parecer profundo — Olivier respondeu, piscando.

Nós rimos e tiramos várias fotos juntos. Olivier insistiu que eu e Lia fizéssemos poses engraçadas, e mesmo que eu não goste de ser

fotografada, acabei me divertindo. Pela primeira vez desde que cheguei à França, senti que poderia carregar essas memórias comigo sem deixar a tristeza sufocar cada momento bom.

— Cara, você é muito artista! — Lia disse, rindo. — Vai me dizer que a Amélia também virou fotógrafa agora?

— Quem sabe? — Olivier respondeu, me lançando um olhar divertido.

— Fotógrafa não, mas talvez musa inspiradora — brinquei, arrancando uma gargalhada de Lia e um sorriso envergonhado de Olivier.

Nós nos divertimos tanto que nem percebemos as horas passarem. Acabamos passando em um pequeno restaurante que Olivier conhecia, onde comemos crepes e falamos sobre tudo e nada ao mesmo tempo. Com Lia ali, parecia que todas as partes da minha vida finalmente faziam sentido juntas. O Brasil, a França, meu passado e meu futuro... tudo estava conectado.

Olivier continuou falando sobre fotografia, explicando que gosta de capturar momentos que nunca vão voltar.

— Fotografar é como congelar um pedaço da vida, sabe? — ele disse, me mostrando algumas fotos da cidade. — Como se você pudesse guardar quem você foi em um instante e nunca mais perder isso.

Lia olhou para mim e soltou uma risadinha.

— Amélia faz isso com as palavras. Sempre fez.

Revirei os olhos, mas não consegui conter o sorriso, porque, no fundo, Lia estava certa. Escrever sempre foi minha forma de entender o mundo, de capturar quem eu sou em cada momento. *A escrita é minha âncora*. Olivier tinha suas fotos, eu tinha minhas palavras. Talvez fosse isso que me ajudaria a continuar daqui para frente — transformar a dor em algo que pudesse ser escrito e lembrado, sem que isso me prendesse ao passado.

Quando voltamos para casa naquela noite, sentamos juntos para jantar. Meu pai e Chloe estavam mais à vontade do que eu poderia imaginar meses atrás. Jean não parecia mais nervoso ou tentando compensar o tempo perdido. Ele simplesmente estava presente, como um pai que finalmente entende que o amor se constrói aos poucos.

Lia se encaixou ali como se fizesse parte daquela nova vida o tempo todo. Ela trouxe um pedaço do Brasil para Lyon, mas, ao mesmo tempo, me ajudou a ver que eu não precisava escolher entre o passado e o presente. Eu podia ter os dois.

Na última noite dela em Lyon, nos trançamos no meu quarto, exatamente como fazíamos no Brasil. A janela estava aberta, deixando a brisa fresca da noite entrar. Ficamos deitadas lado a lado na cama, cada uma segurando o celular, mas sem mexer de verdade. O silêncio entre nós era confortável.

— Como você tá, de verdade? — Lia perguntou de repente, a voz suave na escuridão. Suspirei, organizando meus pensamentos antes de responder.

— Tô melhor. Ainda dói, sabe? Tem dias em que parece que vou desmoronar, mas... tô aprendendo a viver com isso. Não acho que a dor vá embora, mas acho que dá pra viver bem mesmo assim. Tipo... sem esquecer a minha mãe, mas também sem parar a minha vida. A saudade nunca se desfaz, mas a gente aprende a conviver com ela.

Lia apertou minha mão, e foi o suficiente.

— Amélia, sua mãe teria muito orgulho de você — ela disse. E eu senti que era verdade.

Depois de um tempo, ela me cutucou com o cotovelo.

— E o Olivier, hein? Já rolou alguma coisa?

— Claro que não, tá doida! — Falei, sorrindo pra ela.

— Ah, sei! — Lia disse, rindo comigo. — Mas, sério, Amélia. Você tá indo muito bem. Tipo, tô orgulhosa de você. De verdade.

Sorri no escuro, com o coração leve. Com Lia ali, tudo parecia se encaixar. Mesmo que estivéssemos em continentes diferentes, eu sabia que sempre a teria ao meu lado.

— Então, você vai mesmo fazer o curso de literatura? — Lia perguntou, virando-se para me encarar.

— Vou. Nunca tive tanta certeza de nada na vida.

— E o Brasil? Você não sente que está deixando para trás?

Pensei por um instante, mas a resposta veio fácil.

— O Brasil sempre vai ser parte de mim, mas agora Lyon também é. E tá tudo bem. Eu posso ser das duas partes.

Ela sorriu e eu soube que tinha entendido. Não havia mais essa necessidade de escolher uma identidade ou deixar para trás quem eu fui. Eu podia ser quem eu quisesse, sem perder nada.

Na manhã seguinte, levá-la ao aeroporto foi menos doloroso do que eu esperava. Sabíamos que aquela despedida era temporária, e a certeza de que nossa amizade sobreviveria à distância fez com que tudo ficasse mais leve.

Quando voltei para casa naquela noite, me sentei na escrivaninha com meu caderno aberto. *Havia uma última carta que eu precisava escrever.* Mas não ali.

No dia seguinte, fui assistir ao nascer do sol no rio Saône e deixei a escrita fluir.

Querida mamãe,

Hoje eu quis escrever para você de novo. Já faz tempo desde a última vez, mas dessa vez, a carta é diferente. Não é mais cheia de perguntas que não têm resposta, é mais leve,

embora ainda carregue saudade. Sempre vai carregar. Acho que estou aprendendo que a saudade não é inimiga. Ela é só um jeito de manter você por perto, mesmo que eu não possa mais te abraçar.

Muita coisa mudou desde que eu cheguei aqui. Lyon já não parece mais tão fria ou desconhecida. Eu fiz amigos novos e até estou aprendendo a gostar de lugares que antes me deixavam desconfortável. Você se lembra de como eu era medrosa para encarar mudanças? Bom, acho que estou começando a mudar isso. Um dos meus amigos, o Olivier, tem me ajudado bastante. Ele me mostrou cantos escondidos da cidade e até me ensinou um pouco sobre fotografia. Sabia que, segundo ele, cada foto é uma memória congelada no tempo? Por isso, tenho um mural de fotos suas para congelar os momentos felizes que vivemos juntas.

Lia veio me visitar, e foi como um pedacinho de casa vindo até mim. Ter ela aqui me lembrou que as pessoas importantes nunca vão embora de verdade, mesmo que a distância entre a gente seja grande. Acho que é isso que também estou aprendendo sobre você: você nunca vai embora de verdade.

E, sabe, mãe? Eu e o papai estamos finalmente conseguindo nos entender. Não é perfeito, mas pela primeira vez, estamos tentando de verdade. E Chloe... ela é ótima. Acho que estava com tanto medo de que gostar dela significasse te esquecer que não consegui enxergar o que ela realmente é: alguém que também está tentando encontrar seu espaço na nossa vida.

Eu comecei a escrever bastante, o que tem me feito bem. Às vezes, é difícil colocar tudo em palavras, mas é como se cada frase que eu escrevesse ajudasse a organizar o caos aqui dentro. Estou pensando até em transformar minha história em um livro. Talvez eu conte como é viver entre dois mundos, entre o passado e o futuro, entre a dor e a esperança.

Mas o mais importante que eu queria te dizer é que estou aprendendo a viver de novo. Não, não estou completamente curada, e acho que nunca estarei. A sua falta sempre vai estar aqui, mas agora sei que não preciso deixar a dor ser maior do que o amor que eu ainda sinto por você. Estou começando a entender que posso ser feliz sem te esquecer, e que seguir em frente não significa deixar você para trás.

Você sempre me ensinou a viver com amor, com coragem e propósito. É isso que estou tentando fazer. Ainda tem dias difíceis, mas eu estou seguindo. E, mesmo que você não esteja aqui para ver, vou continuar vivendo como você me ensinou: com o coração aberto.

Eu te amo, mãe. Sempre. Com todo o meu amor,
Amélia

E foi assim que encerrei minha carta, com uma sensação de alívio que nunca imaginei ser possível. O papel não apagava a saudade, mas, ao escrever aquelas palavras, algo dentro de mim mudou.

A carta era o fechamento de um ciclo, e ao dobrá-la e guardá-la, me senti pronta para o que viria a seguir. O mundo ainda era incerto, mas eu sabia que, mesmo diante das perdas, poderia encontrar um caminho para a felicidade. Sempre existe amor para recomeçar.

AGRADECIMENTOS:

A história de um livro jamais será feita somente pelo escritor; existem inspirações, nomes e uma enorme rede de apoio. Portanto, tenho muitas pessoas a agradecer.

Primeiramente, sou extremamente grata a Jesus Cristo, pois, sem Ele, nada na minha vida seria possível. Ele é a minha base. Gostaria de agradecer também à minha família, por sempre me apoiarem em tudo, especialmente à Anne Rakel Amorim, ao José Coutinho e ao Rafael Coutinho.

Sou grata aos meus amigos, cujos nomes é impossível citar, mas espero que saibam que ter eles na minha vida é essencial. Não poderia deixar de agradecer também à Wilne Filha, que fez meu prefácio e foi uma das primeiras pessoas a ler o livro. Quero ainda expressar minha gratidão à minha madrinha, Amarílis Pinheiro, por ter corrigido a obra.

Enfim, gostaria de agradecer ao Colégio Pro Campus e à Academia Juvenil de Letras (AJULE) pela oportunidade de tornar este sonho realidade.

